



UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

---

## **As monografias em Futebol**

Estudo temático, metodológico e estrutural dos trabalhos realizados entre os dias 1 de Setembro de 1988 e 30 de Junho de 2005, no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento” da FCDEF-UP

---

**Autor:** Luís Afonso Fonseca e Sá Vouga

**Porto, Dezembro de 2005**



UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

---

## **As monografias em Futebol**

Estudo temático, metodológico e estrutural dos trabalhos realizados entre os dias 1 de Setembro de 1988 e 30 de Junho de 2005, no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento” da FCDEF-UP

---

Estudo realizado no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física – Opção curricular de Desporto de Rendimento, Futebol

**Orientador:** Prof. Doutor Júlio Garganta

**Autor:** Luís Afonso Fonseca e Sá Vouga

**Porto, Dezembro de 2005**

## Agradecimentos

Por acreditar que quem sou é o produto de todos os que foram e de todos os que ainda são para mim, não poderia desperdiçar qualquer oportunidade de homenageá-los, mesmo que o faça de uma forma tão singela quanto esta.

Assim, pela sua intervenção mais ou menos directa na produção deste trabalho, gostaria de prestar os meus agradecimentos:

Ao professor Doutor Júlio Garganta, pela confiança, interminável paciência, disponibilidade e constante respeito pela iniciativa pessoal que demonstrou ao longo da orientação deste trabalho.

À professora Doutora Ana Luísa Pereira, pela disponibilidade com que acolheu os meus pedidos de revisão e pelos conselhos que nunca hesitou dar.

À professora Doutora Zélia Matos, pela sua amizade, confiança e apoio no momento mais difícil da minha vida académica.

Aos meus supervisor e orientador de estágio, Mestre Pina de Moraes e José Carlos Carvalho, por terem contribuído para a construção das condições imprescindíveis à realização deste trabalho, nomeadamente ao nível da motivação (intrínseca e extrínseca).

À Tuna Musicatta Contractile, pelos sempre presentes ensinamentos e lições de vida que me permitiram crescer.

Aos meus pais, irmãos e restantes familiares, a quem devo, entre tudo o mais, a minha forma de estar, pensar e agir. São, verdadeiramente, o meu ponto de apoio!

A todos os que considero Amigos, em especial à “Família ALF” e à Anuska que me souberam compreender e apoiar, principalmente, frente às exigências temporais do presente trabalho.

---

**Índice**

AGRADECIMENTOS	I
ÍNDICE DE FIGURAS	V
ÍNDICE DE QUADROS	V
RESUMO	VII
1. INTRODUÇÃO	3
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
2.1 Estudo monográfico	10
2.1.1 Definição de monografia	10
2.1.2 Objectivos inerentes à realização de uma monografia	11
2.1.3 Coerência intra e inter-secções	12
2.1.4 Estrutura e conteúdo de uma monografia	13
2.1.5 Posicionamento ético	34
2.1.6 Normas de redacção	35
2.1.7 Citações e referências	37
3. METODOLOGIA	39
3.1 Objectivos e expectativas do estudo	39
3.2 Material e Métodos	40
3.2.1 População-alvo e amostra	40
3.2.2 Instrumentos	41
3.2.3 Procedimento	42
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
4.2 Panorama temático	51
4.3 Panorama metodológico	55
4.3 Resultados do estudo dos casos “A”, “B” e “C”	58
4.3.1 Resultados do estudo do caso “A”	59
4.3.2 Resultados do estudo do caso “B”	61
4.3.4 Resultados do estudo do caso “C”	63
4.3.5 Resultados da análise conjunta “ABC”.	66

5. CONCLUSÕES	71
5.1 Confirmação da primeira proposição	71
5.2 Confirmação da segunda proposição	73
5.3 Sugestões para futuros estudos	75
6. BIBLIOGRAFIA	77
7. ANEXOS	81

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Comparação dos perfís quantitativos de cada um dos três casos (A, B e C): Número de normas cumpridas (NC) por secção (S). .....	67
--	----

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1</b> – Relação entre os métodos quantitativo e qualitativo e os paradigmas Positivista e Naturalista, respectivamente (apresentado por Sobral, 1993; adaptada de Earls, 1986)	29
<b>Quadro 2</b> – Comparação e contraste das características dos métodos de investigação qualitativos e quantitativos (Adaptado de Thomas & Nelson, 2001: pg. 333).	30
<b>Quadro 3</b> – Mapeamento temático dos trabalhos monográficos segundo ano de entrega e categoria temática.	52
<b>Quadro 4</b> – Mapeamento temático dos trabalhos monográficos segundo categoria metodológica e ano de entrega.	56
<b>Quadro 5</b> – Perfil de cumprimento das normas definidas para a apresentação de trabalhos científicos: monografia. Caso “A”	59
<b>Quadro 6</b> – Perfil de cumprimento das normas definidas para a apresentação de trabalhos científicos: monografia. Caso “B”	62
<b>Quadro 7</b> – Perfil de cumprimento das normas definidas para a apresentação de trabalhos científicos: monografia. Caso “C”	64



---

## Resumo

O presente estudo pretende aferir qual a realidade temática, metodológica e estrutural que representa o estado global e actual das monografias realizadas entre os dias 1 de Setembro de 1988 e 30 de Junho de 2005 (n=269), no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento” da Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto

Para tal, divide-se o trabalho em quatro momentos, tendo os seguintes como objectivos específicos: (1) compilar as normas que permitam realizar adequadamente e apreciar a realização de um estudo monográfico; (2) realizar a indexação dos trabalhos segundo autor, data, tema abordado e metodologia empregue; (3) verificar a existência de tendências temáticas e metodológicas que evidenciem a situação das monografias quanto à sua diversidade ou redundância; e (4) Inferir acerca do conhecimento dos discentes relativamente a aspectos da processologia estrutural das monografias.

Para a concretização destes objectivos, utilizaram-se os métodos de recolha de dados preexistentes (análise documental) e de análise do conteúdo, obtendo-se os seguintes resultados: (1) verifica-se a existência de tendências temáticas e metodológicas, sendo a categoria temática “Jogo” (n=149; 55,4%) e, dentro desta, a subcategoria “Fase Ofensiva” (n=54;20,1%), as que apresentam maior número de estudos; e as “Observação Directa” (n=113; 42%) e “Análise do Conteúdo” (n=202; 75,2%) os métodos, respectivamente, de recolha e análise de dados mais utilizados; e (2) os casos analisados revelaram perfis de cumprimento/incumprimento das normas definidas bastante diferentes, não se evidenciando qualquer comunhão de um padrão de conhecimento, mas, antes pelo contrário, um aparente desconhecimento comum das mesmas.

Não foi possível concluir, de forma segura, acerca da redundância ou repetição dos trabalhos realizados, sendo, para tal, necessários outros estudos que, por exemplo, analisem a restante população à quanto fidelidade do tema/título ao conteúdo do trabalho, e possam complementar o presente estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTEBOL; INVESTIGAÇÃO; MONOGRAFIA;  
METODOLOGIA CIENTÍFICA.

## 1. Introdução

Desde que se conhece, o Homem sempre teve em si uma intrínseca sede de conhecimento, quer fosse das coisas, da natureza ou de si próprio (Garcia, 2002). Neste sentido, Sócrates (cit. Garcia, 2002:8), chega mesmo a extremar a sua posição ao dizer que “uma vida sem procura não é digna de ser vivida”. De facto, existem diversos níveis de conhecimento e formas de o adquirir, no entanto, o conhecimento científico, cuja aquisição se faz pelo método de investigação científica, ocupa um lugar de destaque na nossa sociedade, em virtude de uma lógica, ainda patente, de revolução industrial (Garcia, 2002).

Esta visão ou enaltecimento do conhecimento científico deriva do método de investigação científica que, de todos, é o que apresenta maior rigor e aceitação, uma vez que assenta num processo racional lógico (Fortin, 2003). É um método de aquisição de conhecimento que, sendo sistemático e rigoroso, permite descrever e explicar factos, acontecimentos e/ou fenómenos que constantemente suscitam a dúvida e a questão, mais concretamente, no seio da comunidade científica ou num campo de investigação mais específico.

Existem inúmeras definições, contudo, a ideia generalizada é a de que um trabalho de investigação científica é um processo pelo qual se procura obter novos conhecimentos, ou avanços científicos, através de uma análise estruturada, rigorosa e sistemática de determinados fenómenos. Por análise estruturada, entende-se a possibilidade e utilização de certas técnicas de pesquisa, desde que reconhecidas por autores ou estudiosos de referência dentro do campo em que se pretende investigar (Thomas & Nelson, 2001). Por análise rigorosa pretende-se assegurar uma percepção fiável e correcta da realidade, pressupondo a existência de critérios definidos e de entendimento comum (Garcia, 2002; Fortin, 2003). Já a análise sistemática refere-se à utilização de um método como forma organizada e ordenada para a obtenção de um determinado objectivo.

Outro princípio que rege a investigação científica é o da sua indissociação do binómio teoria-prática. De facto, a investigação baseia-se nos pressupostos teóricos para levar a cabo a sua verificação, descrição e/ou explicação. Do mesmo modo, a prática encetada pela investigação traduz-se num enriquecimento dos esquemas teóricos que poderão, numa relação recíproca, promover uma maior compreensão dos resultados de uma investigação. Assim, a investigação depende da teoria, uma vez que esta atribui uma significação aos conceitos utilizados numa determinada situação, e a investigação leva a que novas teorias possam surgir ou que teorias formuladas possam ser verificadas (Fortin, 2003).

Ao nível académico, a investigação respeita os mesmos princípios gerais e pode surgir em vários planos. Num primeiro plano, está em causa a missão da Universidade e, por extensão, da própria Faculdade. Esta missão tripartida, confere às instituições académicas responsabilidades perante o ensino, a investigação e desenvolvimento, ou, por outras palavras, a sua extensão à comunidade “comprometida com a formação integral das pessoas, o respeito pelos seus direitos e a participação activa no progresso das suas comunidades”<sup>1</sup>. Assim, encontra-se na Universidade e, conseqüentemente, na Faculdade, uma presença bem acentuada da investigação podendo esta mesmo definir a própria instituição como uma “Research University”<sup>2</sup> (em oposição a uma “Teaching University”<sup>3</sup>), embora isto não se verifique, propriamente, no contexto académico português (Granado, 2005).

Num segundo plano, em intrínseca relação com o primeiro, aparecem os docentes cuja presença nas Faculdades está, por vezes, associada à obrigação de publicar periodicamente artigos de investigação (Sobral, 1993). Percebe-se, facilmente, que esta “obrigação” está consistente com a missão da Faculdade. De facto, através da investigação, um docente investe na sua ascensão contínua para um nível de conhecimento superior ao anterior e, por conseguinte, para um nível de docência de qualidade optimizada e reflectida na transmissão desse mesmo conhecimento aos seus discentes através do

---

<sup>1</sup> Informação obtida em: [http://sigarra.up.pt/up/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=1182](http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=1182)

<sup>2</sup> Universidade que investe, principalmente, a sua atenção na investigação.

<sup>3</sup> Universidade cujas preocupações incidem essencialmente no ensino.

ensino. Por outro lado, ainda tendo em conta a missão da universidade a que se encontra associado, é através dos seus artigos que o docente contribui para o desenvolvimento da sociedade, aplicando, frequentemente, a sua investigação a questões de aplicação prática. Estes artigos acabam por ser o espelho de uma universidade para a comunidade científica e poderão determinar a atribuição de financiamento para investimentos importantíssimos, sendo cada vez mais pertinente analisar separadamente o trabalho de cada departamento e não a universidade como um todo (Sousa Lobo, cit. Granado, 2005).

E, finalmente, num terceiro plano, encontram-se os discentes que, no interesse mais imediato e pessoal, vêm a sua busca pelo grau académico finalizada com a realização obrigatória de uma dissertação de características monográficas no caso da licenciatura. Trata-se de mais um passo na formação do indivíduo, promovida pela faculdade e directa ou indirectamente emanada da missão da mesma, que aliás já foi, em traços gerais, definida no presente trabalho. De facto, a preparação de um discente é levada a cabo através do ensino e culmina na verificação da sua capacidade de investigação, enquanto indivíduo em constante aperfeiçoamento e sujeito (actor) do desenvolvimento da comunidade a que pertence. Portanto, identificam-se, também aqui, claramente, os três elementos constituintes da missão da universidade – o ensino, a investigação e o desenvolvimento na sua extensão à comunidade.

O nosso interesse recai sobre este último plano: a elaboração de uma dissertação monográfica, por parte do discente da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, para a aquisição do grau académico de licenciado e surge de uma questão essencial para a evolução do conhecimento, neste campo específico: qual é a realidade temática, metodológica e estrutural que representa o estado global e actual das monografias realizadas até à data, no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento” da Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto (FCDEF-UP)?

Tendo em conta a importância de que se reveste uma investigação científica e o simbolismo da monografia de fim de curso para uma instituição

académica e para os seus alunos, afigura-se pertinente a necessidade de sistematizar e discutir a produção existente.

Assim, através do presente trabalho de investigação, pretende-se identificar e apreciar criticamente os estudos monográficos referidos de modo a obter um ponto da situação no que diz respeito às suas componentes temática, metodológica e estrutural. Para tal, divide-se o trabalho em quatro momentos fundamentais, a saber: (1) Revisão de um conjunto de normas, definidas ao nível interno ou institucional e, nos casos em que estas não são explícitas, ao nível da comunidade científica, para a produção de uma tese monográfica; (2) Recolha e criação de uma base de dados identificativos de cada caso, da população em estudo; (3) Levantamento e categorização dos temas abordados e metodologias empregues; e (4) Análise, pormenorizada, da estrutura e comparação com as normas vigentes, de três desses estudos.

Para permitir e facilitar o desenvolvimento do estudo, será elaborada uma grelha de apreciação das monografias, construída com base na revisão da literatura, onde se poderá identificar o trabalho em apreciação e se registará a congruência do estudo com as normas recolhidas. A referida grelha constituirá, portanto, o culminar do primeiro momento e um instrumento de apoio à persecução dos objectivos dos restantes, ou seja: (1) compilar, sobre a forma de questões, as normas que permitam realizar adequadamente e apreciar a realização de um estudo monográfico; (2) realizar a indexação dos trabalhos segundo autor, data, tema abordado e metodologia empregue; (3) verificar a existência de tendências temáticas e metodológicas que evidenciem a situação das monografias quanto à sua diversidade ou redundância; e (4) Inferir, através de uma descrição completa e detalhada da sua aplicação a alguns casos, acerca do conhecimento dos discentes relativamente a aspectos da processologia estrutural das monografias.

A monografia, no contexto académico, portanto, pela sua forma e conteúdo, assume-se como mais um meio de avaliação dos discentes e, em alguns casos, como um dos critérios de atribuição do grau de licenciado. É, como já se referiu, uma forma de investigação científica e a sua elaboração espelha a preparação que um indivíduo tem, ou não, para lidar com um tema

da realidade que o rodeia e daí tirar informações consistentes e pertinentes, duas qualidades inerentes ao conhecimento científico. O presente estudo, baseando-se na importância que é reconhecida ao trabalho mencionado e apoiando-se na constatação, feita pela própria instituição em que se insere<sup>4</sup>, de que nem todas as teses ou dissertações observam de forma estrita as normas definidas, justifica-se pela necessidade de apreciar o rumo que estes trabalhos seguem, e pela eventual necessidade de corrigir esse rumo (o que de forma alguma nos compete), de maneira a dirigir os discentes a um porto onde o conhecimento seja cada vez mais consistente e indutor de transformação positiva da realidade.

---

<sup>4</sup> Ver “Normas e orientações para a redação e apresentação de dissertações” da F.C.D.E.F. – U.P., de Fevereiro de 2004.



## 2. Revisão Bibliográfica

A investigação científica só se pode considerar completa depois de partilhar os seus resultados com a comunidade científica (APA, 2002). Existem muitas formas de partilhar essa informação, mas os trabalhos científicos – teses, dissertações, artigos científicos – são, por excelência, o modo mais comum de o fazer.

Para Marconi & Lakatos (1999), a redacção dos trabalhos científicos deve respeitar e cumprir as normas estabelecidas assim como os fins a que se destinam. As mesmas autoras sugerem como características deste tipo de trabalho a originalidade, ou o serem inéditos, e a sua contribuição para a ampliação do conhecimento, através da resolução de problemas ou da sua constituição como modelos ou referências para trabalhos posteriores. Devem, também, ser trabalhos replicáveis, ou seja, que permitam a reprodução da investigação e obtenção dos resultados descritos com a mesma precisão, a análise e julgamento das conclusões tiradas, e a verificação da exactidão das análises e deduções que permitiram ao autor chegar às mesmas conclusões (Salvador, 1980; cit. Marconi & Lakatos, 1999). Aliás, para Popper (s/d, cit. Quivy & Campenhoudt, 1998:148), “os acontecimentos não reproduzíveis não têm significado para as ciências”. Contudo, esta visão está principalmente ligada ao procedimento científico em ciências naturais, não podendo ser aplicado às ciências sociais e humanas, já que tanto a natureza do objecto, como os objectivos diferem substancialmente (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Segundo Eco (1998:27), “uma tese é um trabalho dactilografado de grandeza média (...) em que um estudante, trata de um problema respeitante à área de estudo em que se quer formar”. De acordo com o mesmo autor, realizar uma tese significa dar um determinado número de passos indispensáveis para a resolução de um problema que passam, até mesmo, pela própria definição do problema. Esses passos vão desde a escolha de um tema preciso até ao seu tratamento e apresentação de forma a que quem o leia perceba e possa, se necessário, retomar o tema por sua própria conta. Pelo

meio, o autor deve recolher e ordenar documentos sobre esse tema, reexaminar esses documentos à luz do tema e dar uma forma orgânica a todas as reflexões que daí se possam originar.

De uma forma geral, uma tese, que se caracteriza por ser um trabalho científico, apresenta um formato *standard* por várias razões. Em primeiro lugar, porque evidencia e dirige a construção de um processo lógico de aproximação e resolução de um problema, segundo o método científico. Em segundo lugar, porque a partilha de linhas orientadoras comuns ou de uma estrutura generalizada, permitem ao leitor familiarizado com essas normas, uma maior facilidade de acesso a qualquer informação que este procure (Thomas & Nelson, 2001). Trata-se, portanto, de exercer numa tese a utilização de uma “linguagem” (ou código implícito) comum, acessível a todos os que se encontram no meio. Neste caso, interessa definir esse formato e as normas que o postulam no que diz respeito a uma tese monográfica.

## **2.1 Estudo monográfico**

### **2.1.1 Definição de monografia**

Dentro da sua especificidade, sem nunca esquecer o seu carácter de trabalho científico, existem inúmeras definições de monografia, mas parece ser consensual que este é um trabalho que incide sobre um tema particular de uma determinada área ou ciência, restringindo-se ao mesmo, mas analisando-o em profundidade e sobre todos os ângulos e aspectos, dependendo do fim a que se destina (Marconi & Lakatos, 1999).

Assim, de acordo com Marconi & Lakatos (1999), é possível resumir as características de um trabalho monográfico, sendo este um trabalho escrito e, também este, sistemático e completo (ou não fosse resultante de uma investigação), que incide sobre um tema particular através de um estudo pormenorizado, exaustivo e extenso (em profundidade, não em alcance), seguindo um método específico e contribuindo de uma forma importante,

original e individual para a ampliação do conhecimento científico – um documento, portanto, de utilidade científica.

Se o autor de uma tese monográfica cumprir seriamente todos estes requisitos, será, sem dúvida, na conclusão desta, alguém muito próximo de um perito no tema que o seu trabalho abordou, ou, no mínimo, conseguirá dominar perfeitamente um material desconhecido para muitos (Eco, 1998).

### **2.1.2 Objectivos inerentes à realização de uma monografia**

Uma monografia, no contexto em que se pretende estudá-la, apresenta-se com dois planos de objectivos diferentes.

Num primeiro plano, associam-se-lhe os objectivos preconizados para os trabalhos científicos, ou seja, o contributo original para uma maior compreensão das coisas, dos factos e dos fenómenos que nos rodeiam e consequente alargamento do conhecimento científico (Sobral, 1993). Ainda no plano dos trabalhos científicos, mas no âmbito delimitado que um trabalho de natureza monográfica tem no seio destes, formulam-se objectivos mais específicos. Uma vez que a monografia incide sobre o tratamento de um tema específico, então os objectivos mais específicos passam por ampliar o conhecimento do seu autor e, obviamente, da comunidade científica acerca desse tema preciso, dentro de um campo ou área de uma ciência particular (Fortin, 2003).

Por outro lado, num segundo plano, encontram-se os objectivos académicos. Neste plano encaixa-se perfeitamente uma citação de Rehfeldt (1980:9; cit. Marconi & Lakatos, 1999:205) que fala da monografia como “um degrau rumo à pesquisa mais ampla”. Ora, no projecto curricular da instituição em causa (FCDEF-UP), a conclusão da monografia surge como um objectivo obrigatório para quem almeje licenciar-se. Evidentemente, esta condição só faz sentido enquanto avaliação culminar de um processo de preparação do discente para o campo da investigação científica. Sendo assim, neste segundo plano, pode, ainda, conferir-se à monografia dois objectivos, diga-se, ainda

mais específicos: (1) para os docentes ou para a instituição o objectivo será o de avaliar o processo de aprendizagem e as capacidades de iniciativa e de investigação científica do discente; (2) para o discente o objectivo será o de elaborar um estudo com relevância para próprio autor, para a instituição e comunidade, cuja qualidade (do estudo) lhe permita obter o grau de licenciado na respectiva área de estudos.

### **2.1.3 Coerência intra e inter-secções**

A coerência inter e intra-secções surge da definição da monografia enquanto trabalho científico, ou seja, enquanto trabalho que se realiza através de um processo racional e lógico (Fortin, 2003). Não é, portanto e obviamente, específico ou exclusivo da monografia.

A divisão de um trabalho em secções surge para facilitar tanto a sua realização, como a sua leitura. No entanto, uma monografia é um documento contínuo, ou seja, onde deve existir uma ligação lógica, cronológica e metodológica entre as partes, entre as frases, entre os conceitos e entre as palavras (APA, 2002). De facto, se à partida, a necessidade de coerência intra e inter-secções é algo que se afigura como evidente, também é verdade que basta uma precária delimitação do problema para precipitar uma escolha desadequada do método, conduzindo, conseqüentemente, ao desvio das intenções iniciais da investigação.

A clareza do discurso utilizado durante o trabalho e a apresentação ordenada de ideias de uma forma precisa contribuem para a comunicação da investigação, o objectivo principal da sua redacção (APA, 2002). Se este encadeamento de ideias for apresentado de forma lógica, com uma transição, entre as mesmas, bem clara, então a leitura do trabalho e o trabalho em si, irão denotar um elevado nível de coerência (APA, 2002).

### **2.1.4 Estrutura e conteúdo de uma monografia**

Os trabalhos científicos, em geral e como já foi referido, apresentam a mesma estrutura e pressupostos em relação ao conteúdo (Marconi & Lakatos, 1999). O modo como se deve estruturar uma tese de monografia e o conteúdo, no seu sentido lato, que se espera que esta apresente estão globalmente definidos no documento interno da FCDEF-UP denominado de “Normas e orientações para a redacção e apresentação de dissertações”. As propostas que a seguir se apresentam como orientações para uma completa e adequada estruturação de uma monografia e formulação do seu conteúdo derivam da consulta do referido documento e de outros documentos publicados por autores de referência.

A forma como se organiza, a partir deste momento, esta revisão bibliográfica procura seguir a ordem pela qual, caso decidíssemos ler uma monografia, abordaríamos cada secção. Esta ordem não se refere, portanto, à cronologia respeitada pelo autor na investigação ou à progressão do investigador, mas à sequência pela qual um leitor acederia a cada secção do referido trabalho. Ou seja, à partida espera-se que o seu primeiro contacto ocorra através da capa do trabalho, mas que nesse momento se dê maior importância ao tema que se apresenta na mesma. Depois, o leitor atentará em outros aspectos ou elementos, dando-lhes maior ou menor importância em função dos interesses que motivaram a consulta do trabalho.

Será importante reforçar, também, que ao se apresentar aqui este ordenamento específico das secções que uma monografia deve conter, tal não é feito apenas por ter sido verificado numa “qualquer” monografia, mas porque se apresenta como o mais adequado, segundo a literatura revista/consultada.

#### **2.1.4.1 Tema, problema ou pergunta de partida**

Como todas as investigações científicas, a tese de monografia inicia-se ou deverá iniciar-se com uma questão. Questão essa que, nas palavras de

Garcia (2002:10), surge de um “espanto”. Quando essa questão se apresenta como reclamando uma solução adequada, estamos frente a um problema. E este será um problema científico quando a questão em causa se revelar pertinente para uma ciência em particular e seja abordável ou resolúvel através do método científico (Sobral, 1993).

Portanto, investigar exige uma formulação clara e precisa de um problema, para que seja inequívoco aquilo que se pretende observar, ou, o objecto que se pretende estudar (Sobral, 1993). Caso contrário, de uma questão mal colocada, podem surgir hipóteses incoerentes que levem à escolha inadequada do método a utilizar e resultem numa investigação sem qualquer interesse. Compreendendo a importância da sua correcta formulação, entende-se perfeitamente quando Sobral (1993:31) diz que “o conhecimento científico não avança na ausência de problemas bem delineados”, pois a esquematização clara, simples e completa do objecto segundo o problema, acaba por ser, talvez, o momento culminante do processo de produção de conhecimento científico.

Um problema bem formulado deve apresentar qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Dentro das qualidades de clareza, o problema, ou a questão de partida, deve ser preciso – as suas interpretações devem convergir e corresponder às intenções do autor, referindo todos os elementos necessários –, unívoco e conciso – permitir a sua compreensão sem dificuldade. Em relação às qualidades de exequibilidade, um problema deverá ser realista, significando que deve ter em conta os recursos disponíveis para a realização da investigação. Por fim, no que respeita às qualidades de pertinência, um problema deve procurar compreender o objecto de estudo, mantendo-se aberto à possibilidade de várias respostas e revestir-se de utilidade científica, teórica ou prática (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Resumindo, nas palavras de Fortin (2003:51) um problema apresenta-se através de uma questão ou “enunciado interrogativo claro e não equívoco, que precisa os conceitos-chave, especifica a população alvo e sugere uma investigação empírica”. Através deste problema, deve ser possível identificar o

domínio em que decorrerá (atitudes, crenças, populações, etc.) e a direcção (explicação, descrição, exploração de relações, etc.) que será dada à investigação (Fortin, 2003).

A mesma autora (2003:58) sugere ainda quatro elementos que devem estar presentes na formulação de um problema: a “actualidade da questão”, a “exequibilidade do projecto”, o “significado e a importância da questão para a disciplina” e a “operacionalização da questão”. O primeiro elemento deve conferir ao problema actualidade, isto é, pertinência face às questões do momento presente. O segundo, refere-se à questão já abordada, da existência de recursos (materiais, temporais, etc.) suficientes para a conclusão do trabalho. O terceiro elemento refere-se à pertinência que a investigação deve ter enquanto contributo para a evolução dos conhecimentos do domínio ou disciplina em que se insere. E o último elemento garante que o alvo de estudo possa, de alguma forma, ser observável ou mensurável.

#### **2.1.4.1.1 Tópicos de pesquisa em Futebol**

Após a definição e delimitação do que deve completar um tema bem estruturado, e uma vez que a discussão no presente trabalho também se situará ao nível das temáticas mais abordados nas monografias, parece pertinente, neste momento, fazer uma breve descrição do panorama de investigação em Futebol.

Como modalidade desportiva, o Futebol não diferiu das outras modalidades na relação que desenvolveu com a ciência. De facto, à medida que as exigências e competitividade foram aumentando, assistiu-se ao crescimento da importância dada aos processos de racionalização dos factores do jogo, através de estudos científicos que permitiram a sua sistematização (Garganta, 2002; Reilly, 1996; Reilly & Gilbourne, 2003). Era evidente, e imprescindível para a sua evolução, a necessidade de se estabelecer esta relação e, como nos diz Garganta (2002a: 4), “não sendo o Futebol uma

ciência, o seu desenvolvimento está cada vez mais dependente dos contributos desta” para a compreensão dos factores que promovem a qualidade da prática.

Thomas Reilly (1996), no seu artigo “*Introduction to Science and Football*” discorre acerca dos contactos iniciais do Futebol com a ciência e de como o 1º Congresso Mundial da Ciência e do Futebol (*The First World Congress of Science and Football* – onde *Football* incluía modalidades como o “nosso” Futebol, o Futebol Americano, o Rugby, etc.), que decorreu em 1987, foi um importante marco no reconhecimento das possíveis aplicações emergentes dessa relação. Na altura, as comunicações do referido congresso já reflectiam a transdisciplinaridade inerente à análise dos vários factores do jogo, versando várias temáticas desde o vestuário e equipamento para atletas até às lesões de jovens praticantes, passando por análise de jogo, biomecânica do remate, tomada de decisões por parte dos árbitros, entre muitos outros (Reilly, 1996).

Actualmente, é possível encontrar-se uma grande variedade de estudos aplicados a várias temáticas do Futebol (Garganta, 2002a; Garganta, 2002b; Reilly, 1996; Reilly & Gilbourne, 2003). Reilly & Gilbourne (2003), decorridos cerca de dezoito anos desde a realização do primeiro congresso, apresentam um sumário das temáticas abordadas nos quatro Congressos Mundiais de Ciência e Futebol realizados até à data. Num quadro apresentado pelos autores, pode-se observar que a “Análise do Jogo” apresenta o maior número de comunicações, sendo seguida, em ordem decrescente, pelas que versaram acerca de “Medicina e aspectos ambientais”, “Testes de Avaliação”, “Psicologia em contexto de Treino”, “Psicologia”, “Gerir e Treinar”, “Biomecânica”, “Exercícios em idades pediátricas”, “Nutrição e Metabolismo”, “Fisiologia em contextos de jogo” e “Sociologia”<sup>5</sup> (Reilly & Gilbourne, 2003: 694).

Os mesmos autores avançam que os estudos existentes podem ser englobados em categorias temáticas, tais como: características dos Jogadores, testes de avaliação (*fitness*), exigências físicas e fisiológicas durante o jogo, análise de acções tácticas e técnicas durante o jogo, treino, psicologia e Identificação de talentos. Reilly e Gilbourne (2003) ainda evidenciam a

---

<sup>5</sup> Traduções dos termos utilizados no documento original.

existência de maior quantidade de investigações dos factores físicos e fisiológicos em detrimento dos factores psicológicos.

#### **2.1.4.2 Capa**

É através da capa que o leitor tem o primeiro contacto com o trabalho. Como tal, nesta devem estar presentes todos os elementos que identifiquem o trabalho, quer seja no que concerne ao autor e/ou instituição em que foi redigido, quer seja relativa à delimitação da temática sobre a qual se debruça (APA, 2002; D'Oliveira, 2002).

Neste último aspecto, o título assume inteira responsabilidade, sendo o espelho do problema ou, não raramente, a própria pergunta de partida. O título deve ser conciso e, no entanto, indicar claramente o conteúdo do trabalho, de forma a que, se “isolado” do corpo do trabalho, permita ter uma ideia clara acerca do que se trata no mesmo (APA, 2002). A partir do título deve ser possível identificar o tipo de estudo que se apresenta, os fenómenos em causa e, por vezes, a população estudada.

Na instituição em causa (FCDEF-UP), os elementos essenciais para a identificação do trabalho e que deverão figurar na capa são enunciados nas “Normas e Orientações para a redacção e apresentação de dissertações”, elaboradas pela própria faculdade, sendo os seguintes: Nome da Universidade e da Faculdade; Título do trabalho; Nome do autor; Local (Porto) e Ano. Se assumirmos que a folha de rosto também se constitui como complementar da capa, então as indicações a seguir incluem a inserção do nome do professor orientador e a declaração relativa ao grau académico para cuja atribuição o documento foi elaborado.

#### **2.1.4.3 Agradecimentos**

Os agradecimentos são, de uma forma geral, facultativos, pelo que as únicas normas que se apresentam são as definidas pela instituição e correspondem à sua localização no documento e apresentação formal. Assim, estes deverão surgir logo após a folha de rosto e deverão iniciar-se com a titulação «Agradecimentos» centrada, em corpo 14 e a negrito.

Habitualmente, esta secção reserva-se a algumas referências a pessoas ou instituições tendo como principal motivo algumas questões éticas ou pessoais, embora existam, de facto, trabalhos de investigação onde a presença de agradecimentos comporta um carácter, de certa maneira, obrigatório, devido, por exemplo, ao financiamento do projecto por parte de uma determinada instituição ou à cedência das suas instalações para a realização do mesmo. Porém, como a primeira e principal referência para o presente trabalho são as normas estabelecidas pela instituição em que se insere, e estas definem a presença da secção em questão como sendo facultativa, esta será a indicação que seguiremos.

#### **2.1.4.4 Índice**

Embora existam outras perspectivas quanto à posição relativa de índices e resumos nos trabalhos académicos, aquela pela qual se opta nesta descrição é a vigente na instituição em que este mesmo documento se insere e realiza. Como tal, o Índice (entenda-se Índices: geral, de figuras, de quadros e de equações) deverá surgir logo após a página dos «Agradecimentos» (caso existam), na primeira página ímpar.

Em relação ao conteúdo do Índice, não existem normas definidas pela Faculdade, mas a intenção da sua elaboração radica da necessidade de facilitar ao leitor um guia geral das informações apresentadas ao longo do trabalho, traduzidas na apresentação dos tópicos, títulos, subtítulos ou partes

que figuram no mesmo, no caso do índice geral; ou dos títulos das figuras, quadros ou equações, nos restantes casos.

#### **2.1.4.5 Resumo e palavras-chave**

A secção do resumo corresponde a um breve sumário dos conteúdos do trabalho e, em vários casos, será através deste que os leitores terão o mais decisivo contacto, no que se refere às suas eleições de consulta bibliográfica (APA, 2002).

O resumo deve ser apresentado a seguir ao Índice e no caso da monografia, poderá ser redigido em três línguas diferentes (uma em cada página): Português, Inglês e Francês. Prescreve-se que seja titulado de forma idêntica à referida para os «Agradecimentos» e que não exceda uma página, sendo que as normas da *American Psychological Association* preconizam como sendo adequado um número de palavras entre as 100 e as 120. Estes são valores que servem apenas de exemplo, particularmente pela proximidade que a instituição FCDEF-UP procura manter com as normas daquela instituição. Existem, contudo, outras posições quanto à extensão de um resumo que, por motivos dos quais se destaca a fidelidade às normas da faculdade, não importa aqui discutir.

Ao nível do conteúdo, os resumos deverão incluir o problema e objectivos da investigação, a amostra e suas características, os métodos empregues, os resultados mais importantes e as principais conclusões, implicações e/ou aplicações, sempre da forma mais precisa possível (APA, 2002; D'Oliveira, 2002). Apesar do elevado teor de informação que se deve passar no resumo, a articulação entre as partes referidas deverá ser feita numa linguagem concisa e selectiva, partindo de um condensado da referência bibliográfica e revelando os elementos mais importantes, nomeadamente as contribuições emergentes do trabalho (APA, 2002).

Imediatamente a seguir, e se possível ainda na mesma página, deverão ser apresentadas em maiúsculas, no máximo, cinco palavras-chave do

trabalho, sendo este o limite definido pelo documento “Programa e normas orientadoras da cadeira de Seminário na área de Futebol” redigido pelo gabinete responsável pela mesma.

Não deverão ser utilizadas abreviaturas ou símbolos, excepto os de uso corrente, nomeadamente os relativos às unidades de medida.

#### **2.1.4.6 Listas de abreviaturas e símbolos**

Estas listas servem o propósito de facilitar tanto a redacção do trabalho como a sua leitura e deverão ser exaustivas. No entanto, isto não dispensa que as mesmas sejam sempre referidas no texto, imediatamente a seguir do seu enunciado por extenso.

As abreviaturas devem ter relação directa com os termos não abreviados e o seu número deverá ser reduzido. Tanto quanto possível, deve-se evitar a invenção de novas abreviaturas (D’Oliveira, 2002).

#### **2.1.4.7 Introdução**

Segundo Thomas & Nelson (2001), a introdução surge como forma de persuadir os leitores acerca da relevância científica de um trabalho. O seu autor deverá conseguir isto através de uma apresentação ponderada, mas breve, de estudos realizados anteriormente, fazendo sobressair áreas ou fenómenos que ainda carecem de investigação, e encadeando de uma forma lógica o seu raciocínio até à revelação das intenções da investigação. Estas intenções, de modo a assumirem sentido e pertinência perante a comunidade científica, deverão, precisamente, ser justificadas pelas lacunas existentes no estudo do fenómeno em questão. Pondo-o de outra forma, o autor de um trabalho deve dar a conhecer ao seu leitor a informação suficiente tanto para descrever o contexto de investigação de determinado fenómeno, como, também, para justificar a sua própria investigação sobre esse mesmo

fenómeno à luz do conhecimento e (seu complementar) desconhecimento enunciados.

Assim, à semelhança da capa, embora de uma forma mais profunda, a introdução aparece como forma de familiarizar o leitor com o trabalho que se lhe apresenta, devendo consistir de uma breve descrição do estado do conhecimento actual, onde se mencionem trabalhos anteriores acerca do mesmo tema e se verifica a relação de, presumível, continuidade lógica entre estes e o trabalho presente, e onde se enquadrem os propósitos do trabalho, na forma de um problema (APA, 2002; Thomas & Nelson, 2001).

Sendo a intenção apresentar uma linha de raciocínio e trabalho seguida pelo autor e que possa ser acompanhada pelo leitor, na introdução deverão vir enunciados, também, os objectivos, as hipóteses, a estrutura, as intenções e justificações para a inclusão de qualquer parte do trabalho assim como para o seu encadeamento lógico (APA, 2002; Thomas & Nelson, 2001).

É uma parte do trabalho que pretende preparar o leitor para o que se segue e não descrevê-lo exaustivamente, pelo que não deverá ser um texto muito extenso, nem tampouco usar de linguagem muito “técnica” (APA, 2002; Thomas & Nelson, 2001).

#### **2.1.4.8 Revisão bibliográfica e enquadramento teórico**

Uma revisão de literatura equivale a fazer um balanço do que foi escrito no domínio da investigação em estudo (Fortin, 2003). Portanto, esta secção do trabalho serve, geralmente, para situar o estudo no panorama global dos trabalhos científicos ou mesmo para delimitar um domínio da investigação. Partindo-se de uma visão geral dos diferentes aspectos da área que se pretende investigar, realizam-se sínteses comentadas dos trabalhos produzidos até então e, se possível, inovadoras no seu produto final, de forma a chegar a aspectos concretos do que se visa estudar (D'Oliveira, 2002). Para Thomas & Nelson (2001), esta é, inclusive, uma parte fulcral no desenvolvimento do problema da investigação, já que, independentemente do tema, qualquer

planeamento de investigação é fortemente enriquecido por investigações anteriores. Já na perspectiva de Quivy & Campenhoudt (1998), esta tarefa constitui-se como essencial para a “ruptura” do investigador com quaisquer preconceitos ou falsas evidências que o possam assolar, permitindo, assim, evoluir no seu conhecimento.

De acordo com alguns autores (Fortin, 2003; Thomas & Nelson, 2001), esta secção deve ser composta por três partes: Introdução; corpo ou desenvolvimento e; sumário e conclusões. Na primeira parte justificam-se os propósitos e a organização da revisão da literatura. Na parte do corpo, descrevem-se, de uma forma organizada, clara e concisa, os principais estudos realizados, estabelecem-se as relações de concordância ou oposição de resultados e evidenciam-se, caso existam, lacunas ou ângulos que não o foram e importam ser abordados. É, portanto, uma exposição da informação que se considera relevante para a contextualização do próprio trabalho. Por último, através do sumário e das conclusões pretende-se relatar as implicações importantes que o estudo deve ter e eventuais futuras investigações a fazer.

O objectivo de uma revisão bibliográfica não se cinge à simples descrição, mas deverá ser uma crítica objectiva à literatura estudada, através da qual o autor revela domínio da matéria. Devem-se privilegiar a literatura mais actual e as fontes primárias, sendo, no entanto, tão exaustiva ou completa quanto possível. Quanto mais uma investigação for baseada em conhecimentos empíricos pertinentes, mais os seus resultados serão susceptíveis de enriquecer o campo de conhecimento do assunto em questão (D’Oliveira, 2002; Fortin, 2003; Thomas & Nelson, 2001).

Dentro da revisão bibliográfica, o autor deverá, também, apresentar o enquadramento teórico do seu estudo. Este enquadramento está intimamente relacionado com a problemática do estudo, ou seja, com a orientação teórica ou relação que este pretende estabelecer com o objecto ou fenómeno em observação (Quivy & Campenhoudt, 1998). É uma parte do trabalho onde, segundo as palavras de Quivy & Campenhoudt (1998:101), se procura descrever “o quadro teórico em que se inscreve a metodologia pessoal do investigador, precisar os conceitos fundamentais e as relações que eles têm

entre si, [e] construir um sistema conceptual adaptado ao objecto da investigação.” Este enquadramento teórico pode surgir de duas formas: (1) o investigador opta por manter e apoiar a sua investigação num quadro teórico já existente; ou (2) constrói o seu próprio quadro teórico a partir de referências a abordagens teóricas diversas (Eco, 1998; Quivy & Campenhoudt, 1998).

Durante toda a secção da revisão bibliográfica, o discurso utilizado deverá ser composto de frases claras e sintéticas, por forma a que de qualquer leitura que seja feita se obtenha a mesma interpretação. Se uma frase pode ter duas leituras diferentes, então não está bem construída e poderá pôr em causa a compreensão do próprio leitor. No final, deve ficar claro qual a perspectiva adoptada no estudo conduzido (D’Oliveira, 2002).

No domínio da apresentação formal, alguns autores defendem que a revisão bibliográfica e o enquadramento teórico não deverão constituir mais do que um terço do trabalho completo, por forma a se verificar um equilíbrio harmonioso entre as partes.

#### **2.1.4.9 Metodologia**

##### **2.1.4.9.1 Objectivos e hipóteses**

Os objectivos indicam o porquê de uma investigação. Precisam a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão. Deverão, portanto, surgir das questões levantadas da revisão bibliográfica, apresentando-se de forma explícita e inequívoca sobre a forma de objectivos gerais e objectivos específicos. Quando bem formulados, deverão especificar as variáveis-chave, a população alvo e o contexto do estudo, assim como indicar o tipo de investigação a empreender através dos termos utilizados («descrever», «explorar», «predizer», etc.) (D’Oliveira, 2002; Fortin, 2003).

As hipóteses são a enunciação formal das relações que se prevêem existir entre duas ou mais variáveis, dois ou mais fenómenos ou dois ou mais

conceitos. No fundo, são afirmações conjecturais que ligam o problema e o objectivo numa proposição de resposta, sob a forma de explicação ou predição clara dos resultados (Fortin, 2003; e Quivy & Campenhoudt, 1998). Segundo Quivy & Campenhoudt (1998:46), consideram-se mesmo como os “eixos centrais” de uma investigação, assumindo-se como o fio condutor que melhor confere ordem e rigor à mesma, fornecendo, ainda, o critério para seleccionar os dados mais pertinentes. Os mesmos autores defendem claramente a necessidade de construção de hipóteses num trabalho científico ao declararem que “um trabalho não pode ser considerado uma verdadeira investigação se não se estrutura em torno de uma ou de várias hipóteses” (1998:119), e, reforçando esta noção, que “não há observação ou experimentação que não assente em hipóteses. Quando não são explícitas, são implícitas, ou, pior ainda, inconscientes. E quando não são explicitamente construídas, conduzem a becos sem saída; (...)” (1998:135). Apesar da posição dos autores referidos, a explicitação das hipóteses parece estar associada ao âmbito do estudo a desenvolver, existindo casos, nomeadamente aqueles em que se pretende descrever pela primeira vez um conceito ou fenómeno, em que a sua formulação parece desprovida de sentido. No entanto, é nossa opinião que qualquer questão ou pergunta de partida para uma investigação despoleta no investigador várias hipóteses de resposta ou expectativas implícitas. Por tal razão e pelo facto de uma monografia ser um trabalho de investigação que tem, também, como função, a preparação para outro tipo de investigações, optamos, no presente trabalho, por considerar a formulação explícita de hipóteses, proposições ou expectativas como algo essencial a este nível de intervenção ou estudo. Para reforçar esta posição, apoiamo-nos, também, na perspectiva de Tuckman (2000:550) que dita que “os estudos que explicitamente formulam uma ou mais hipóteses serão tidos muito mais em consideração do que aqueles que exigem que o leitor faça uma «leitura entre linhas», para imaginar o que os autores pretendem.”

Também a hipótese (como o objectivo) inclui as variáveis de estudo, a população-alvo e o tipo de investigação a realizar, distanciando-se da pergunta de partida pelo facto de que prediz os resultados do estudo, os quais, por sua

vez, confirmarão ou infirmarão essa hipótese. Não obstante, a formulação de uma hipótese ou, mais frequente, de várias hipóteses tem de se inscrever na “lógica teórica da problemática” (Quivy & Campenhoudt, 1998:138), ou seja, tem de surgir no seguimento da análise e construção lógica da revisão bibliográfica. Parece-nos, deste modo, apropriada a colocação (no documento) das hipóteses entre a “Revisão da bibliografia” e os “Materiais e Métodos”, uma vez que vão sendo aperfeiçoadas ao longo da primeira e, na sua formulação final, determinar as escolhas da segunda.

Além dos elementos já enunciados, a formulação de uma hipótese deve apresentar características de “verificabilidade” – ser testável, ou seja, deve estar construídas de tal forma que do estudo resulte a sua confirmação ou infirmação; e “refutabilidade” – abranger a generalidade, isto é, ser testável indefinidamente; e admitir enunciados contrários testáveis, o que significa a possibilidade de formular e testar uma hipótese contrária (Fortin, 2003; e Quivy & Campenhoudt, 1998).

Uma vez entendida a sua importância e correcta formulação, percebe-se que uma exposição sequencial e hierarquizada do quadro de hipóteses facilita a leitura do trabalho e o acompanhamento do raciocínio que o autor perfilhou (Sobral, 1993).

#### **2.1.4.9.2 Material e Métodos**

É uma secção do trabalho de extrema importância, uma vez que pretende guiar o seu leitor (e possível pesquisador) através do estudo por forma a que este fique (caso o deseje) em condições de o replicar; e, simultaneamente, permite a avaliação dos resultados obtidos quanto à sua validade e fiabilidade (APA, 2002; Thomas & Nelson, 2001).

Assim, a descrição dos materiais e métodos utilizados deve conter todos os seguintes elementos (APA, 2002; D’Oliveira, 2002; Thomas & Nelson, 2001):

– *Descrição dos critérios de selecção (caracterização) da amostra:* é um passo muito importante, tanto a nível interno como a nível externo, uma vez que as conclusões e interpretações de um estudo só se justificam quando a amostra o permite e só uma adequada descrição desta permite a comparação do estudo com outros estudos que, por sua vez, se refiram a uma amostra semelhante. Todos os aspectos relevantes da descrição de uma amostra/população que sirvam os efeitos de caracterizar os sujeitos e sua intervenção em determinado estudo (número, sexo, idade cronológica, raça, nível de treino etc.); ou as eventuais formas como beneficiaram da participação nesse estudo (financiamento, etc.) devem ser enunciados de forma precisa.

– *Identificação das técnicas e instrumentos ou aparelhos utilizados:* nesta subsecção devem-se descrever todos os instrumentos e aparelhos utilizados, assim como a sua função na investigação. Os materiais de uso e conhecimento comuns, não carecem de uma descrição detalhada, pelo que simplesmente devem ser mencionados. Já no que se refere a aparelhos especializados para uma função específica, estes devem estar bem identificados através da apresentação do modelo, marca e fornecedor ou local de obtenção do aparelho. Outros aparelhos mais complexos ou fabricados para o propósito podem ser ilustrados através de uma gravura ou fotografia. Contudo, as descrições mais detalhadas do aparelho (instruções de uso, etc.) deverão, se necessárias, ser remetidas para a secção de «Anexos».

– *Método ou procedimento:* por fim, nesta subsecção, o autor ou investigador deverá enunciar, de uma forma sumária, os passos que deu durante a investigação, podendo incluir as informações e/ou instruções dadas aos participantes, as formas de controlo da investigação, as formas de manipulação das variáveis, etc.. O que importa, mais uma vez, é que o leitor fique de posse de todos os dados relevantes e necessários para uma possível replicação ou validação do estudo. Para Tuckman (cit. Thomas & Nelson, 2001), estes dados devem incluir detalhes acerca da ordem, do tempo em que se realizaram e do tempo de intervalo entre a realização dos procedimentos, das informações dadas aos participantes e da preparação que envolveu estes procedimentos.

Além da replicação pela comunidade científica, este capítulo deverá permitir relativizar os resultados e conclusões ao nicho metodológico (D'Oliveira, 2002). Não obstante, só deverá constar deste capítulo a informação estritamente relevante, sendo toda a restante encaminhada para a parte dos «Anexos» (APA, 2002; D'Oliveira, 2002).

Anterior a esta capacidade de replicação, os materiais e métodos seleccionados para colher e tratar os dados devem ser adequados ao problema que se pretende abordar, estando em íntima relação com o objectivo e hipóteses propostos para o trabalho, pelo que é essencial a apresentação da justificação para a sua escolha.

#### **2.1.4.9.3 Metodologias qualitativa e quantitativa**

Da mesma forma que se justificou uma breve descrição das temáticas mais abordadas na área do Futebol, também se justifica, nesta altura, realizar uma descrição superficial das metodologias pelas quais se pode enveredar para a realização de um dado trabalho. A perspectiva que se optou por abordar neste trabalho é a que confronta as metodologias Qualitativa e Quantitativa.

Na abordagem qualitativa de um tema, parte-se dos dados recolhidos para se proceder a uma interpretação do tipo indutivo. É encarada numa “lógica exploratória, como meio de descoberta e construção de um esquema teórico de inteligibilidade e não tanto numa óptica de verificação ou de teste de uma teoria ou de hipóteses pré-existentes” (Albarelló et. al, 1997:117). Tal não invalida a necessidade de se partir para o estudo com hipóteses, proposições ou expectativas explícitas para a resposta à pergunta de partida que, como já referido, consideram-se fundamentais numa investigação.

Segundo Cassell & Simon (1994; cit. D'Oliveira, 2002), nas abordagens qualitativas procura-se descrever, descodificar e interpretar o significado de determinados fenómenos num certo contexto. Uma vez que a abordagem qualitativa está associada à interpretação do observador, então, o principal objecto de estudo são as interpretações e perspectivas individuais desses

fenómenos. Ou seja, as investigações qualitativas baseiam-se no entendimento subjectivo do significado de uma qualquer experiência para os participantes, num dado contexto (Thomas & Nelson, 2001).

Neste tipo de abordagem, a investigação centra-se mais no processo, do que no produto de uma experiência, pelo que o material ou objecto de estudo deve ser colhido ou observado no campo, em ambiente natural, por forma a garantir o mínimo de alterações possível às condições de desenvolvimento ditas normais do fenómeno em questão (Albarello et. al). Os métodos de investigação qualitativa, geralmente, incluem observações, estudos de caso, etnografias e histórias de vida (Linn, 1986; cit. Thomas & Nelson, 2001), privilegiando-se as técnicas de observação e entrevista. Creswell (1994; cit. Thomas & Nelson, 2001) define quatro categorias para os procedimentos de recolha de dados (através de): observação, entrevista, documentos e audiovisuais.

Outra característica da investigação qualitativa é o facto de que esta não procura generalizar as inferências feitas acerca de uma população específica. Pelo contrário, o que se procura é seleccionar a população de acordo com características identificadas – amostra reunida por critério (Thomas & Nelson, 2001).

Por outro lado, uma investigação que opte por uma abordagem quantitativa está, geralmente, associada a métodos de medição precisa, controlo rígido de variáveis e análise estatística (Thomas & Nelson, 2001), existindo, quando esta não se verifica em laboratório, uma tendência para privilegiar a utilização de questionários e ainda para que este seja a única técnica utilizada (D'Oliveira, 2002).

A investigação quantitativa, ao contrário da investigação qualitativa, concentra-se na análise das partes de um fenómeno, em detrimento do seu todo. Por este facto, se a análise qualitativa é acusada de falta de rigor na colheita de dados, associada ao elevado subjectivismo de que está impregnada, por sua vez, a análise quantitativa é acusada de enfatizar os valores numéricos sem realizar uma interpretação crítica dos “porquês” de tais resultados (Thomas & Nelson, 2001). Enquanto a abordagem quantitativa está

ligada ao positivismo, à força dos factos enquanto verdades verificáveis, ou seja, à confirmação ou infirmação de hipóteses através de dados concretos e objectivos, sem indagar propriamente os porquês; a abordagem qualitativa tem um pendor mais explicativo no sentido em que não procura só verificar as situações, mas procura, também, estabelecer as causas para as mesmas. De facto, segundo Sobral (1993), existe uma relação directa entre o paradigma Positivista e os métodos quantitativos e entre o paradigma Naturalista e os métodos qualitativos, que o próprio evidencia numa grelha adaptada de N. Earls (1986). No quadro 1 apresenta-se a referida grelha.

Quadro 1 – Relação entre os métodos quantitativo e qualitativo e os paradigmas Positivista e Naturalista, respectivamente (Sobral, 1993)

Paradigma: Pressupostos acerca de:	<b>POSITIVISTA</b>	<b>NATURALISTA</b>
<b>1. Natureza da Realidade</b>	Simple, apreensível, permanência dos objectos do conhecimento	Múltipla, holística, nominalismo interno e dinâmico
<b>2. Relação Sujeito/Objecto</b>	Reciprocamente independentes	Interactivos, Inseparáveis
<b>3. Dinâmica da Acção</b>	Relações do tipo causa-efeito	Influências mútuas e recíprocas
<b>4. Valores</b>	Independente dos valores	Condicionado por juízos de valor
<b>5. Natureza da verdade</b>	Homogeneística	Heterogeneística
<b>6. Resultados da Investigação</b>	Compreensão objectiva e universal, leis, generalizações homotéticas	Limitado pelo tempo e pelo contexto; Hipóteses de trabalho, proposições ideográficas.
<b>7. Métodos</b>	<u>Quantitativos</u>	<u>Qualitativos</u>

De resto, Thomas & Nelson (2001:333) realizam, por sua vez, uma síntese das características dos métodos qualitativos e quantitativos, colocando-os em contraste na forma de um quadro que, depois de adaptado, apresentamos no nosso estudo com a designação de Quadro 2.

Quadro 2 – Comparação e contraste das características dos métodos de investigação qualitativos e quantitativos (Adaptado de Thomas & Nelson, 2001: pg. 333).

<b>Componentes da Investigação</b>	<b>Quantitativa</b>	<b>Qualitativa</b>
Hipóteses	Do tipo dedutivo	Do tipo indutivo
Amostra	Ampla e aleatória	Reduzida e criteriosa
Envolvimento	Laboratório	Natural, Mundo Real
Recolha de dados	Instrumentos objectivos	O investigador é o “instrumento” principal
Desenho da investigação	Determinado precisa e previamente	Flexível, mutatório
Análise de dados	Métodos estatísticos	Descritiva e interpretativa

Restará apenas referir que, neste estudo, associaremos às metodologias quantitativa a análise estatística e à qualitativa a análise do conteúdo, embora tenhamos consciência de que nesta última poderá, também, recorrer-se a técnicas estatísticas.

### **2.1.4.10 Resultados e respectiva discussão**

#### **2.1.4.10.1 Apresentação dos resultados**

A secção de apresentação dos resultados deve ser capaz de resumir os dados obtidos assim como os resultados do seu tratamento estatístico ou analítico. Estes dados deverão aparecer em quantidade suficiente para suportar as conclusões, mais tarde, apresentadas e revelar todos os resultados relevantes, mesmo que estes contradigam as hipóteses previamente formuladas (APA, 2002). De uma forma sucinta, e como o descrevem Thomas & Nelson (2001:362), “A introdução e revisão da literatura indicam as razões pelas quais se procedeu à investigação, o método explica como se conduziu essa investigação, e a secção dos resultados apresenta as contribuições da investigação para o conhecimento.”<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Tradução feita pelo autor da citação original

Esta apresentação deverá ser feita de forma concisa, evitando-se a repetição ou a redundância, pelo que deve surgir sobre a forma de dados tratados, sendo os dados em bruto, se necessários, remetidos para a secção de «Anexos» (APA, 2002; Thomas & Nelson, 2001). Quando se aplicam métodos quantitativos, estes dados tratados deverão ser postos em evidência sob a forma de tabelas (vistas por alguns autores como as mais vantajosas), quadros e/ou figuras, devidamente numerados e legendados, com prévia e devida explicação em texto, onde se destacarão as principais emergências. Por outro lado, se se opta por utilizar métodos qualitativos, o mais frequente é apresentar os principais resultados sobre a forma de texto ou discurso. Independentemente do método escolhido, nesta fase, deve-se apenas registar os resultados alcançados, evitando-se fazer qualquer referência bibliográfica ou qualquer menção que se enquadre dentro de uma interpretação do material, algo que pertence ao capítulo ou secção da «Discussão dos Resultados». Esta é uma secção destinada somente à apresentação dos resultados emanentes da corrente investigação, pelo que uma interpretação ou confrontação precoce destes com outros resultados poderá confundir o leitor ou induzi-lo em erro. Existe, de facto, a possibilidade de se proceder simultaneamente à apresentação e discussão dos resultados numa só secção, o que, no caso da população deste estudo, parece ser justificável, dado o limite de páginas recomendado pelo Gabinete de Futebol da FCDEF-UP e que será apresentado num ponto posterior. Não obstante, também neste caso, deverá ficar bem claro quais os resultados que dizem respeito a investigação em causa.

Se for usado algum procedimento estatístico, deve, também, incluir-se informação suficiente acerca das técnicas utilizadas (testes paramétricos, análises de correlação, etc.), de modo a que o leitor entenda perfeitamente a condução e direcção do estudo e, do mesmo modo, explicações alternativas a que se possa chegar (A.P.A., 2002).

#### **2.1.4.10.2 Discussão dos resultados**

O objectivo deste capítulo ou secção será o de analisar e interpretar os resultados obtidos e apresentados, especialmente em relação às questões que deram origem à investigação. De acordo com sugestões da *American Psychological Association* (2002), esta secção deverá mesmo ser iniciada com uma clara afirmação acerca da confirmação ou infirmação das hipóteses preestabelecidas. Após as primeiras constatações acerca das hipóteses, recorre-se a uma análise da coerência dos resultados obtidos através da sua confrontação com a literatura. Depois, dever-se-á progredir nessa análise evidenciando, analisando e procurando justificar as suas dependências e/ou relações. Por fim, deverão ser incluídas as limitações e implicações desses resultados, bem como a sua relação com outros trabalhos realizados na área e contribuições (teóricas, práticas e/ou empíricas) para o conhecimento ou para estudos posteriores (APA, 2002; D'Oliveira, 2002).

Através dos passos supracitados, nesta secção, o seu autor deve ser capaz de responder às seguintes questões apresentadas pela *American Psychological Association* (APA, 1994:19; cit. Thomas & Nelson, 2001:364): “Qual foi a minha contribuição? Como é que o meu estudo ajudou a resolver o problema original? Que conclusões e implicações teóricas posso retirar do meu estudo?”. Segundo os autores, as respostas a essas questões são o núcleo da investigação e a sua formulação clara e directa deve ser um direito que assiste o leitor.

Deve ser possível, neste capítulo, identificar a presença mais acentuada do autor e da sua posição face aos resultados e às evidências, expressa através da sua opinião crítica pessoal, desde que devidamente fundamentada.

#### **2.1.4.11 Conclusão**

O objectivo deste capítulo será o de apresentar as principais conclusões, reportadas aos objectivos e hipóteses formuladas remetendo-se apenas à

população estudada. Contudo, se a metodologia, as características da amostra e os resultados obtidos o permitirem, poder-se-á proceder a uma generalização (D'Oliveira, 2002).

É, também, nesta secção que se concretizam as sugestões para estudos futuros.

#### **2.1.4.12 Bibliografia ou referências bibliográficas**

Esta secção, como o nome indica, tem o objectivo de indicar quais os documentos bibliográficos de onde o autor/investigador retirou informação que fundamentasse o seu estudo, apresentando, habitualmente, o(s) nome(s) do(s) autor(es), a data de publicação, o título e os dados referentes à editora (no caso de se tratar de um livro) ou ao periódico onde se publicou (APA, 2002). No caso de se tratar de uma bibliografia, devem estar presentes todos os documentos que o autor citou no seu trabalho e podem estar, também, outros documentos que o autor considere que, de forma indirecta, o influenciaram na sua direcção. No entanto, se se tratar de uma lista de referências, todos os documentos que constem desta têm de estar citados no texto e nenhum documento que não o esteja aí pode figurar (APA, 2002).

O uso de normas padrão para esta secção assegura que referências bibliográficas sirvam de forma precisa e completa os leitores ou investigadores que as procurem (APA, 2002). Existem vários modelos de referenciação bibliográfica. No documento já citado anteriormente, "Normas para a redacção e apresentação de dissertações", o modelo adoptado e as normas que o descrevem estão bem definidas, pelo que se opta por um ordenamento alfabético das referências, num sistema autor/ano, mencionando todos os autores, de forma a que automaticamente se possam identificar o autor ou grupo de investigação. De resto, as normas que se sugerem neste documento são, como se lê no próprio (pg. 5), "uma aproximação mais clara às normas de

referenciação bibliográfica adoptadas no manual de estilo da APA (Associação Americana de Psicologia)”<sup>7</sup>.

### 2.1.5 Posicionamento ético

Existem alguns princípios éticos básicos de longa data que procuram reger os trabalhos de natureza científica e assegurar duas questões fundamentais: a precisão do conhecimento científico e académico; e a protecção dos direitos de propriedade Intelectual (APA, 2002).

Segundo Fortin (2003), a ética é vista como uma ciência da moral e a arte de dirigir a conduta de um indivíduo. E se assim o é, tem de estar sempre presente numa investigação, pois se é verdade que esta (a investigação) pode contribuir para o avanço do conhecimento científico, também o é que pode apresentar resultados que a lancem no sentido oposto (Fortin, 2003). Sempre que isto acontece, estamos perante uma “má conduta científica” (*Scientific misconduct*). Segundo o “*White house office of Science and Technology Policy*”, este é um conceito abrangente, que se define da seguinte forma: “Scientific misconduct is fabrication, falsification, or plagiarism in proposing, performing or reviewing research results” (*Federal Register, October 14, 1999*; cit. Thomas & Nelson, 2001:73).

Existem várias formas de se ter uma conduta inapropriada relativa à elaboração de trabalhos, sendo que Shore (1991; cit. Thomas & Nelson, 2001) identificou sete: plágio; fabricação ou falsificação de dados; eliminação ou ocultação de dados relevantes; colheita de dados inapropriada; faltosa ou duvidosa; eliminação precoce dos dados brutos; má identificação de autores; e reclamação indevida de crédito ou mérito por um trabalho conjunto. Qualquer que seja a conduta inapropriada, esta acaba por falhar as suas intenções e pode ser mesmo contra-producente no que respeita os objectivos das investigações e trabalhos científicos.

---

<sup>7</sup> Para mais esclarecimentos ou aprofundamento, consultar “Normas e orientações para a redacção e apresentação de dissertações” da F.C.D.E.F.-U.P., ou o “Publication Manual” da *American Psychological Association*.

Existem, ainda condutas indevidas que colocam os direitos fundamentais dos participantes da investigação em risco e se consideram como graves questões de falta de ética. São cinco os princípios ou direitos fundamentais, apresentados por Fortin (2003), que assistem as pessoas e que não devem, em momento algum, ser violados pelo autor de uma investigação. São eles: direito à autodeterminação – livre arbítrio na decisão de participar da investigação; o direito à intimidade – o participante é quem decide acerca da extensão da informação que pretende dar, de forma a proteger a sua intimidade; o direito ao anonimato e à confidencialidade – protecção da identidade do indivíduo no que se refere à sua participação e dados fornecidos; o direito à protecção contra o desconforto e o prejuízo – protecção contra eventualidades que possam ocorrer durante e após o estudo – e; o direito a um tratamento justo e equitativo – é cedida ao participante a informação relevante acerca do estudo e assegurado um tratamento igual aos restantes participantes.

Os diferentes tipos de conduta evidenciados podem, simplesmente, resultar da personalidade do seu autor. Contudo, existem factores externos que podem contribuir para essas condutas através de várias pressões. A necessidade de publicação ou término do trabalho, quer seja para obter fundos monetários, quer seja para obter reconhecimento ou o grau académico (Thomas & Nelson, 2001). Mas, em última instância, cabe ao seu autor determinar a sua própria conduta, pois será ele próprio o primeiro a saber que errou e a ter que lidar com isso.

## **2.1.6 Normas de redacção**

### **2.1.6.1 Volume**

O volume de uma monografia reporta-se ao número de páginas que esta apresenta. Eco (1998), a título de exemplo, argumenta que uma tese deverá apresentar entre cem a quatrocentas páginas. No entanto, um volume tão

elevado traz algumas dificuldades quando isto se verifica numa instituição académica e, especialmente, quando o número de monografias a serem produzidas e entregues para correcção num mesmo período de tempo é, também, bastante elevado tendo em conta o número reduzido de docentes responsáveis pela sua orientação.

Embora no documento “Normas para a redacção e apresentação de dissertações” não existam especificações quanto ao número limite de páginas, espera-se do seu autor, como se pode deduzir das afirmações de Sobral (1993), a capacidade de síntese e economia de palavras na descrição dos aspectos essenciais. Holmes (1974-1975; cit. APA, 2002) afirma que a redução de um manuscrito ao essencial pode resultar numa melhor e mais clara comunicação da informação.

Conscientes, com certeza, de todas as dificuldades e critérios inerentes à avaliação e elaboração de uma monografia, o gabinete de Futebol da FCDEF-UP redigiu, em 1999, um documento de apoio aos discentes da disciplina de Seminário – Área de Futebol que estipula o limite de páginas para o trabalho final entre as 30 e as 50. Sendo este trabalho elaborado no âmbito dessa mesma disciplina, será este o limite de páginas que utilizaremos como referência.

#### **2.1.6.2 Formatação do texto**

A formatação do texto apresenta alguma importância, não só porque lhe confere alguma sobriedade, mas, também, porque identifica, de certa forma, o trabalho com a instituição em que foi desenvolvido. Aliás, as normas para a redacção de texto que se apresentam são as sugeridas pela própria instituição, não fazendo sentido que fosse de outra maneira.

Assim, o que está definido é que o trabalho deverá ser impresso em letra de forma, a 1,5 espaços e com 3 cm de margem nos seus quatros lados. O tipo de letra deverá ser escolhida de entre Arial, Courier ou Helvética, de corpo 12, à excepção dos casos justificados, como títulos, chamadas para

rodapé, etc. As páginas deverão ser impressas a preto (excepto em figuras e outros casos justificáveis), em frente e verso e ser numeradas em ordem crescente, atribuindo-se a numeração árabe ao trabalho propriamente dito e a numeração romana aos anexos ou apêndices, colocada ao centro, antes da margem inferior da página.

### **2.1.7 Citações e referências**

As citações e referências no texto são momentos importantes de um trabalho que expressam determinada ou determinadas posições, estudos ou teorias de um ou vários autores, estando em particular evidência nas secções da introdução e da revisão bibliográfica, mas, de certa forma, sempre presentes ao longo de todo o trabalho. São, essencialmente de dois tipos: (1) citação de um texto acerca da qual se procura construir interpretações; ou (2) citação de um texto para fundamentar ou apoiar as nossas interpretações (Eco, 1998). Assim, é de extrema importância a sua correcta formulação ou redacção essencialmente por dois motivos: Primeiro, assegura-se dessa forma que as fontes ficam devidamente identificadas, devendo isso, em certas alturas, conferir relevância ao próprio estudo; Segundo, porque uma citação inadequada ou ausente poderá ter graves consequências se esta for questionada ao nível das questões éticas e da exactidão técnica de redacção de um trabalho científico (APA, 2002; Eco, 1998; Thomas & Nelson, 2001; Tuckman, 2000).

Desta forma, numa referência devem constar o(s) apelido(s) do(s) autor(es) e o ano de publicação do documento em questão. Se a referência envolve vários estudos do mesmo autor, deve-se referir o nome do mesmo, seguido, por ordem cronológica das datas dos diferentes documentos. No entanto, se se refere a mais do que um estudo de autores diferentes, os elementos a constar serão os mesmos, mas a ordenamento dos autores deverá respeitar a ordem alfabética e não a cronológica (APA, 2002).

Quando se faz referência a um trabalho realizado por mais de dois autores, deve surgir o apelido do primeiro, seguido “et al.”, significando “e outros”. No caso de se tratar de uma citação, esta deve ser reproduzida exactamente com as mesmas palavras e ser identificada pelo uso de aspas, sendo apontada a página do documento original onde esta pode ser lida.

### **3. Metodologia**

#### **3.1 Objectivos e expectativas do estudo**

O presente estudo tem como objectivo geral:

– Identificar e apreciar criticamente os estudos monográficos produzidos entre os dias 1 de Setembro de 1988 e 30 de Junho de 2005, no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento” da Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto, de modo a obter um ponto de situação no que diz respeito às suas componentes temática, metodológica e estrutural.

Dentro deste, podemos assumir quatro objectivos específicos:

– Indexar os trabalhos monográficos realizados de forma a permitir um acesso e consulta mais facilitados (no gabinete de Futebol) aos docentes, discentes ou qualquer pessoa interessada e devidamente autorizada;

– Verificar a existência de tendências temáticas e/ou metodológicas que evidenciem/ indiquem a situação das monografias quanto à sua diversidade ou redundância;

– Apresentar uma descrição completa e detalhada de uma apreciação realizada a três casos específicos, no que respeita às regras de elaboração de uma monografia;

– Inferir acerca do conhecimento dos discentes relativamente a aspectos da processologia estrutural das monografias.

Quanto às expectativas que se apresentam, estas derivam do conhecimento manifestado pela própria instituição e da consulta dos trabalhos monográficos que se podem encontrar na respectiva biblioteca e são formuladas na forma de proposições.

Sendo assim, acerca dos trabalhos monográficos realizados no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento” espera-se que:

- existam tendências temáticas ou metodológicas que possam indiciar uma repetição ou redundância dos trabalhos realizados;
- nem todos observem de forma estrita e completa as normas definidas para a elaboração e apresentação de uma dissertação desta natureza.

### **3.2 Material e Métodos**

#### **3.2.1 População-alvo e amostra**

O alvo deste estudo incide sobre a totalidade do fundo documental dos trabalhos monográficos realizados e defendidos entre os dias 1 de Setembro de 1988 e 30 de Junho de 2005 (n=269), no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento”.

Contudo, por questões de exequibilidade e extensão do próprio estudo, a aplicação do mesmo à totalidade dos trabalhos só se verifica em dois dos seus momentos constituintes: a indexação dos trabalhos e o levantamento e categorização dos temas abordados e métodos empregues nos mesmos.

De resto, para uma apreciação completa e detalhada foram seleccionados três estudos monográficos do fundo documental supracitado, que, por motivos relacionados com questões éticas, identificaremos como estudos “A”, “B” e “C”<sup>8</sup>, procurando assegurar, desta forma, o anonimato dos seus autores. Não obstante, gostaríamos de deixar claro que os dados apresentados resultam da constatação de factos e não pretendem, de forma alguma, colocar em causa o valor desses mesmos estudos, mas a forma como são apresentados.

---

<sup>8</sup> Caso exista a necessidade de identificação dos estudos em causa, sugere-se a sua solicitação ao docente orientador do presente estudo, acompanhada dos motivos inerentes e justificativos de tal pedido.

Os referidos trabalhos foram considerados elegíveis a partir de critérios de nomeação por parte do Professor orientador deste mesmo estudo. Neste sentido, procurou-se seleccionar estudos orientados por diferentes professores, tratando de temáticas diferenciadas e com recurso a distintos métodos de investigação, tendo os três estudos obtido uma avaliação de “Muito bom”, aquando da sua apresentação e defesa.

### 3.2.2 Instrumentos

A indexação dos trabalhos monográficos realizou-se através da inserção dos respectivos dados relevantes, numa “biblioteca” criada para o efeito, no programa de software informático “EndNote<sup>®</sup>, Windows version 5.0”<sup>9</sup>.

O instrumento aplicado para a análise e apreciação dos diferentes trabalhos constitui-se numa grelha de verificação (Anexo I) construída para o referido efeito, através dos dados compilados na revisão bibliográfica.

Além de todas as informações necessárias para uma identificação completa do trabalho em análise, na referida grelha estão presentes questões que permitem identificar o cumprimento ou não das normas vigentes ou aplicáveis para a elaboração de uma monografia. A sua organização permitiu, como complemento, que os dados obtidos fossem submetidos a uma escala do tipo *Lickert* de cinco graus, atribuídos mediante o respeito pelas normas, indicado pelo número de respostas verificadas de forma positiva (Ausente = 0; Baixo = 1; Moderado = 2; Elevado = 3; e Completo = 4), e a um perfil de polaridade, possibilitando a atribuição ao trabalho de uma “apreciação qualitativa” por secção e uma “apreciação quantitativa” global de acordo com a pontuação atingida dentro de um intervalo possível. De forma a se proceder a uma qualificação mais justa, a determinação do dito intervalo possível foi feita através da soma dos valores possíveis apenas para as secções que se apresentam obrigatórias de acordo com a redacção do trabalho (p.ex. a secção “Listas de abreviaturas” só é susceptível de avaliação quando se justifica a sua

---

<sup>9</sup> Os dados resultantes desta indexação foram facultados aos três elementos do júri e encontram-se disponíveis para consulta na Biblioteca da FCDEF-UP

integração no trabalho ou, mesmo que não se justifique, esteja presente). Isto é, dentro de um espectro de normas definidas para um trabalho científico, teremos as normas aplicáveis a cada estudo, individualmente. É através da identificação das normas aplicáveis e, posteriormente, das cumpridas que se obtém a “apreciação quantitativa”.

### 3.2.3 Procedimento

Como já foi anteriormente referido, este trabalho desenvolveu-se segundo vários momentos.

Num primeiro momento, realizou-se uma análise da literatura existente acerca das normas definidas para a elaboração e apresentação de trabalhos científicos, mormente, uma dissertação monográfica. Uma vez concluída a revisão da literatura, as normas reunidas foram compiladas na grelha de verificação (Anexo I) que serviu de instrumento para o quarto momento.

Posteriormente, no segundo momento, procedeu-se à recolha dos dados referentes aos trabalhos monográficos, de forma a se poder construir uma base de dados no programa de software informático “EndNote<sup>®</sup>, Windows version 5.0”. Os dados recolhidos incluíram o autor, o ano, o título e subtítulo, o orientador, o volume de páginas e referência de arquivo da biblioteca da FCDEF-UP. Mais tarde, para possibilitar uma indexação mais completa e eficiente, adicionaram-se os dados obtidos no momento que se seguiu.

Assim, no terceiro momento, realizou-se o levantamento dos temas abordados e dos métodos empregues, de forma a cumprir o segundo objectivo do estudo. Para permitir o tratamento dos dados obtidos, foram definidas categorias temáticas e metodológicas, construídas *à posteriori*, onde os dados foram agrupados segundo semelhança semântica do título e subtítulo, no que respeita o tema abordado; e segundo a explicitação da metodologia na secção de “Material e Métodos”, no que respeita aos métodos empregues. Os sistemas de categorias são apresentados em 2.2.3.1 e 2.2.3.2. Regista-se, no entanto, a

impossibilidade de aceder fisicamente a cinco monografias (não se encontram nem na Biblioteca, nem no Gabinete de Futebol da instituição), o que levou a que estas fossem incluídas na categoria “Não Identificável” (descrita em 3.2.3.2.7), dos métodos.

Por fim, no quarto momento, a grelha de verificação construída (culminante do primeiro momento), foi aplicada de forma total sobre três monografias, possibilitando o conhecimento aprofundado destes trabalhos e a sua apreciação (qualitativa e quantitativa) de acordo com os objectivos estabelecidos. Será importante referir que, aquando do preenchimento da grelha de verificação, se deparava, em determinada secção, com uma norma que não podia ser cumprida por estar relacionada com uma outra, de uma secção anterior, se atribuía o “não cumprimento” da primeira (Ex.: Se na redacção do estudo, não se formularam os objectivos em qualquer secção anterior à de “Discussão dos Resultados”, as normas que, nesta secção, se referirem a estes serão automaticamente assinaladas como “não cumpridas”).

### **3.2.3.1 Categorias temáticas**

Os dados recolhidos no levantamento temático permitiram a construção de quatro categorias exclusivas: “Jogo”, “Treino”, “Intervenientes” e “Instituições”

#### **3.2.3.1.1 “Jogo”**

Inserem-se nesta categoria todos os trabalhos que se reportem ao Jogo de Futebol, seja reflectindo e analisando as fases que o integram e os factores que o condicionam, enquanto momento restrito à competição, ou seja definindo o próprio jogo no que o caracteriza de forma particular. Esta categoria divide-se em três subcategorias – “Fases”, “Identificação” e “Factores Condicionantes” – as quais passamos a descrever:

Fases: Trata-se de monografias que se dedicam à análise das diferentes fases do jogo (Defensiva, Transição, Ofensiva e Bolas Paradas), seja no seu desenvolvimento e organização global ou na análise isolada de acções e comportamentos que se desenvolvam dentro dessa mesma organização.

Identificação: Pesquisas bibliográficas ou redacções de documentos que visem analisar, interpretar ou resumir a origem, a história, a evolução ou processos identificativos do Futebol enquanto jogo, desporto normatizado ou desporto formador, na sua forma singular.

Factores Condicionantes: Inserem-se, nesta subcategoria, todos os factores (físicos, nutricionais, psicológicos, técnico-tácticos e outros) que se revelem ou pretendam revelar como sendo capazes de influenciar o rendimento de uma equipa, desde que, no próprio trabalho, o seu autor defina o rendimento da equipa como objecto de estudo.

#### **3.2.3.1.2 “Treino”**

Inserem-se nesta categoria todos os trabalhos que tenham o Treino, nas suas variadas vertentes, como objecto de estudo, reportando-se especificamente aos momentos de preparação da equipa fora de situações de competição formal, dividindo-se nas subcategorias de “Planificação”, “Periodização” e “Programação”.

Planificação: reserva-se aos trabalhos que tratam de aspectos mais gerais do treino, remetendo-se, sobretudo, à análise de objectivos gerais definidos para uma ou mais épocas desportivas, aos testes de avaliação dos atletas, enquanto momento de preparação para a entrada numa nova época, etc.

Periodização: destina-se a todos os trabalhos que procuram analisar o treino, mais especificamente, do ponto de vista dos períodos que o compõem, seja numa perspectiva de periodização dita tradicional ou de outras concepções, nomeadamente a de periodização táctica.

Programação: remete-nos a trabalhos que incidam sobre o treino de uma forma mais específica, revelando ou analisando meios e métodos como formas de exercitação. É, como indica, uma categoria onde se inserem trabalhos sobre a programação do treino em momentos temporais mais precisos.

### **3.2.3.1.3 “Intervenientes”**

Refere-se a todos os trabalhos que analisem os intervenientes no jogo de forma isolada, podendo ser reflectidas as suas características físicas, psicológicas, relacionadas com o seu estatuto posicional, etc.; desde que não se estabeleça uma relação imediata com o rendimento da equipa, mas apenas se procure a caracterização como descrição do observável.

Intervenientes Directos (ID): Os intervenientes directos (Jogadores, Treinadores e Árbitros) são aqueles que, através da sua acção, têm influência directa e relativamente imediata no jogo ou cuja relação pode influenciar o rendimento da equipa. Justificou-se, ainda a criação de outras categorias, nomeadamente de “Formação” e “Perfil”, subordinadas às subcategorias de “Jogadores” e “Treinadores”.

Intervenientes Indirectos (II): Os intervenientes indirectos (Adeptos, Dirigentes/ Agentes, Média) são aqueles que estão presentes no contexto do jogo (o não jogado dentro do campo) e que, através da sua acção, enquanto entidade individual ou massa colectiva, poderão ter alguma influência na direcção do mesmo, ainda que muito indirectamente.

Relação entre ID e II: Nesta categoria inserem-se os trabalhos que descrevem a relação existente entre Intervenientes Directos e Intervenientes Indirectos, caracterizando a influência mútua que poderá existir.

### **3.2.3.1.4 “Instituições”**

Inserem-se nesta categoria, todos os trabalhos que definam como objecto de estudo os fenómenos inerentes às organizações desportivas

(Federações, Associações, Clubes e Outras) responsáveis pela regulação do Futebol e apoio dos seus praticantes, nas suas diversas vertentes.

Federações: encontram-se, aqui, os trabalhos que tratem, especificamente, do estudo de fenómenos observados ao nível federativo do Futebol, quer seja da sua missão, organização ou intervenção.

Associações: colocam-se, aqui, os trabalhos que tratem, especificamente, do estudo de fenómenos observados ao nível associativo do Futebol, quer seja da sua missão, organização ou relação com instituições homólogas.

Clubes: integram os trabalhos que investiguem os clubes nos diversos campos da sua acção.

Outras: nesta categoria inserem-se todos os restantes trabalhos que não se enquadrem dentro das anteriores e que procurem estudar o Futebol na sua relação com outras instituições (Ex. Escolas de futebol).

### **3.2.3.2 Categorias metodológicas**

As categorias metodológicas do estudo foram criadas tendo em conta o binómio “Método de recolha de dados – Método de análise de dados”, e sua complementaridade, sendo definida pela respectiva enunciação conjunta nesta mesma ordem. Existem, no entanto, algumas informações relevantes para a compreensão total das mesmas, que importa referir.

Acreditamos que os trabalhos podem e, em vários casos, devem recorrer ao método de “Recolha de Dados Preexistentes” ou “inquérito por Entrevista” na sua fase exploratória, de modo a definir e enquadrar os seus objectivos e procedimentos. No entanto, os métodos empregues nessa fase não serão considerados na atribuição de categorias metodológicas.

Sabemos, também, que no método de análise do conteúdo tanto se poderá recorrer de técnicas de incidência mais quantitativa como às de natureza qualitativa. Na construção das categorias, contudo, foi decido

desprezar esta distinção por não se considerar relevante para os objectivos do estudo.

#### **3.2.3.2.1 “Inquérito por Questionário – Análise Estatística”**

Dentro desta categoria encontram-se todos os trabalhos que utilizam para recolha de dados, exclusivamente, o método de observação indirecta por meio de questionário e para a sua análise os métodos quantitativos de análise estatística.

#### **3.2.3.2.2 “Inquérito por Entrevista – Análise do Conteúdo”**

Aqui podemos encontrar os trabalhos que recorrem ao método de observação indirecta de inquérito por entrevista. Não se faz distinção entre os diversos tipos de entrevista, uma vez que todas as monografias analisadas referiram o uso de entrevistas “semi-estruturadas de questões abertas”. Assim, conscientes, no entanto, da possibilidade de utilização de métodos estatísticos para análise de entrevistas extremamente estruturadas, pareceu-nos pertinente a associação deste método de recolha de dados apenas aos métodos de “Análise do Conteúdo” que são os que se observam na totalidade dos casos.

#### **3.2.3.2.3 “Observação Directa – Análise do Conteúdo”**

Para a atribuição desta categoria, consideramos todos os casos em que a recolha de dados se realizou sem o auxílio de terceiros, ou seja, sempre que o investigador/ autor presenciou o objecto ou fenómeno do estudo, sem recorrer a qualquer instrumento ou interpretação alheia para uma posterior reconstituição do acontecimento. Neste sentido, inserem-se nesta categoria, basicamente, os trabalhos de observação e análise de jogo ou treino.

Como método de análise complementar ao meio de recolha de dados descrito, apresenta-se a análise do conteúdo, ficando, assim, completamente definida a categoria em questão.

#### **3.2.3.2.4 “Recolha de Dados Preexistentes – Análise do Conteúdo ou Estatística”**

Nesta categoria inserem-se todos os trabalhos que recorram a fontes já existentes ou, melhor dizendo, cujos dados resultam de uma recolha anterior feita por terceiros. Os dados recolhidos podem ser de natureza estatística ou textual, pelo que convém fazer esta distinção, já que irá influenciar a escolha do método de análise. Desta forma, observam-se duas subcategorias, de acordo com o método de análise empregue: Análise Estatística ou Análise do Conteúdo.

#### **3.2.3.2.5 “Aplicação de Testes – Análise Estatística”**

Nesta categoria inserem-se os trabalhos que baseiam a recolha de dados na aplicação de testes específicos para a variável que se pretende observar. Trabalhos que implicam, frequentemente, a criação de condições para a sua realização e, assim, o afastamento das condições “normais”, podendo ser, de certo modo, considerados de “laboratório”. A estes métodos de recolha de dados está associada a Análise Estatística, enquanto método de análise de dados complementar. Estamos, portanto, perante a categoria onde se enquadram os trabalhos de análise de indicadores biomecânicos, antropométricos, etc.

#### **3.2.3.2.6 “Métodos Combinados – Análise Estatística, do Conteúdo ou Mista”**

Nesta categoria encontram-se os trabalhos que recorrem a mais do que um método de recolha de dados, podendo, depois, empregar, ou não, o mesmo método para os analisar. Deste modo, sentiu-se a necessidade de criar três subcategorias, de acordo com os métodos de análise, sendo estas a

Análise Estatística (AE), a Análise do conteúdo (AC) ou a Análise Mista (AM). Assim, dentro desta categoria, podemos encontrar, por exemplo (o mais comum), trabalhos que utilizem os métodos de observação directa e observação indirecta por entrevista, para recolha de dados e o método de análise do conteúdo, para a sua análise.

#### **3.2.3.2.7 “Não identificável”**

Nesta categoria inserem-se todos os trabalhos cuja metodologia não está explícita ou não é identificável de qualquer forma. Esta situação, em alguns casos, resulta da impossibilidade de aceder aos trabalhos.



## 4. Apresentação e discussão dos resultados

A lógica que determina a sequência da apresentação dos resultados, é a mesma que tem vindo a ditar a elaboração do presente trabalho. Faz sentido que esta apresentação seja feita segundo os vários momentos que compuseram a investigação e que foram já enunciados. Assim, sendo claro que os resultados do primeiro momento estão já apresentados, constituindo a revisão bibliográfica, e que os resultados do segundo momento só poderão ser apreciados através da consulta do *Compact Disc* reproduzido para o efeito (Anexo V) resta apenas apresentar os resultados obtidos nos terceiro e quarto momentos.

### 4.2 Panorama temático

Os resultados obtidos a partir do mapeamento temático das monografias podem ser observados no Quadro 3. Neste podemos observar os temas abordados, segundo a categoria em que se inserem, e a quantidade de referências feitas ao longo do intervalo de tempo entre os anos de 1989 e 2005.

Facilmente podemos observar que a categoria “Jogo” é a que apresenta um maior número de casos (aproximadamente 55,4% dos casos; n=149), de onde se destaca a subcategoria “Fase Ofensiva” com 54 trabalhos realizados até à data. De resto, esta subcategoria é a que apresenta o maior número de trabalhos ficando ligeiramente abaixo da categoria de “Treino”, que apresenta 64 casos e superiorizando a categoria de “Intervenientes” com os referidos 53 casos.

Algumas categorias e subcategorias, nomeadamente a categoria “Instituições” (e respectivas subcategorias) e a subcategoria “Intervenientes Indirectos”, revelaram um número bastante reduzido de casos, pelo que não são apresentadas no quadro de resultados.

**Quadro 3 – Mapeamento temático dos trabalhos monográficos segundo ano de entrega e categoria temática.**

		Ano de Entrega																		Total	%	
		s/d	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005			
Categorias Temáticas	Jogo	FO	-	-	-	3	3	2	2	1	4	2	2	11	8	3	8	2	2	1	54	20,1
		FD	-	-	-	2	-	2	-	-	-	1	1	-	1	1	1	-	1	-	10	3,7
		FT	-	-	-	1	1	-	2	-	-	-	1	-	-	-	2	1	2	-	10	3,7
		FB	1	-	-	-	1	1	-	-	-	-	1	1	-	-	1	1	-	-	7	2,6
		FCF	-	-	-	2	-	-	-	1	-	1	1	-	1	-	-	1	-	-	7	2,6
		FCN	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	4	1,5
		FCP	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-	1	-	7	2,6
		FCT	2	-	-	3	3	3	1	1	-	-	-	3	1	2	3	-	-	-	22	8,2
	FCO	1	-	-	3	1	-	1	1	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	10	3,7	
	I	-	-	-	2	-	-	2	3	-	1	4	-	1	1	1	2	1	-	18	6,7	
																				149	55,4	
		Treino	PL	-	-	-	1	-	1	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	5	1,9
			PRMM	-	-	-	-	2	-	1	4	1	-	2	-	4	5	7	3	3	33	12,3
			PRMJ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	3	1	-	7	2,6
			PEPT	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	1	-	4	2	2	12	4,5
			PEPC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,4
			PECC	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	1	-	1	-	2	-	-	6	2,2
																				64	23,8	
		Intervenientes	DJF	-	-	-	1	1	-	3	1	-	-	-	2	3	2	2	-	-	15	5,6
			DJP	-	-	-	1	2	-	1	2	-	3	-	2	1	2	2	5	-	21	7,8
			DJL	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	0,7
			DTF	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	3	1,1
			DTP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2	0,7
			DA	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	4	1,5
			DR	-	-	-	1	-	-	-	-	2	1	-	-	1	1	-	-	-	6	2,2
																				53	19,7	
	<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>20</b>	<b>18</b>	<b>10</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>19</b>	<b>21</b>	<b>24</b>	<b>22</b>	<b>37</b>	<b>25</b>	<b>13</b>	<b>2</b>	<b>266</b>	<b>98,8</b>	

**Legenda:** FO – Fases/ Ofensiva; FD – Fases/ Defensiva; FT – Fases/ Transição; FB – Fases/ Bolas paradas; FCF – Factores Condicionantes/ Físicos; FCN - Factores Condicionantes/ Nutricionais; FCP - Factores Condicionantes/ Psicológicos; FCT - Factores Condicionantes/ Técnico-táticos; FCO - Factores Condicionantes/ Outros; I – Identidade; PL – Planificação; PRMM – Programação/ Meios e Métodos; PRMJ – Programação/ Modelo de Jogo; PEPT – Periodização/ Periodização Tática; PEPC – Periodização/ Periodização Convencional; PECC – Periodização/ Comparação de Conceitos; DJF – Directos/ Jogadores/ Formação; DJP – Directos/ Jogadores/ Perfil; DJL – Directos/ Jogadores/ Lesões; DTF – Directos/ Treinadores/ Formação; DTP – Directos/ Treinadores/ Perfil; DA – Directos/ Árbitros; e DR – Directos/ Relação.

Nota: Outras categorias desprezadas devido ao seu número de referências: IIA – 1; IR – 1; e INCL – 1 (= 1,2%).

Através da observação dos dados é, portanto, possível, perceber uma tendência para a realização de trabalhos que têm como objecto de análise o desenvolvimento da fase ofensiva durante o jogo de Futebol, já que todos os anos, desde 1991, se verificou a elaboração de pelo menos uma monografia que aborda esse tema, tendo os anos de 1999, 2000 e 2002 como os expoentes máximos desta leitura com onze, oito e oito trabalhos, respectivamente.

Estes resultados apresentam uma certa semelhança com os avançados por Reilly & Gilbourne (2003), já referidos neste trabalho, onde os autores apontam a enorme superioridade (em quantidade) das comunicações acerca da “Análise do Jogo” sobre todas as restantes. De facto, é perceptível que os trabalhos que versam a análise do jogo (subcategoria “Fases” e vários casos da subcategoria “Factores Condicionantes”), dentro da categoria “Jogo”, constituem grande parte da amostra. No entanto, os mesmos resultados parecem ir de encontro àqueles apresentados por Garganta et al. (1996), no artigo “*Acerca da investigação dos factores do rendimento em Futebol*”. Neste artigo, os autores concluem que a dimensão táctica no Futebol é a menos investigada, em detrimento das dimensões técnica, física e psicológica. Não é uma opinião que possamos partilhar face à realidade que estudamos, uma vez que 103 (38,3%) dos 269 estudos indexados enquadram-se nas subcategorias onde a componente táctica assume grande importância (“Fase Ofensiva”, “Fase Defensiva”, “Fases de Transição”, “Fase de Bolas paradas” e “Factores condicionantes técnico-tácticos”). É importante deixar claro, no entanto, que o referido artigo baseia o seu estudo na percepção de treinadores e investigadores acerca da realidade que envolve a investigação em Futebol, e não, propriamente, no produto bibliográfico da mesma.

Será lógico pensar que a exposição dos autores das monografias em estudo a uma visão em que se valorizam as “peculiaridades tácticas do jogo, nomeadamente o estilo e os métodos de jogo (ofensivo e defensivo)”, em detrimento de particularidades energéticas, biomecânicas e fisiológicas (Garganta et al. 1996:2), deverá ter influenciado os mesmos na escolha da temática a investigar.

Em relação ao destaque e à importância dados ao processo ofensivo, reflectidos no número de trabalhos realizados para essa subcategoria, estes devem-se, muito provavelmente, à imagem que se tem da própria finalidade do jogo - o golo. De facto, este é, para muitos, o momento de maior interesse ou brilho numa partida de futebol e está, imediatamente, relacionado com a fase ofensiva da mesma. Aliás, segundo Castelo (1996:36), só esta fase, ou o processo que a caracteriza, encerra em si a possibilidade de se atingir o golo, assumindo-se como a única "acção positiva" nesse sentido. Logicamente, parece-nos pouco provável fazê-lo directamente a partir da fase defensiva, sem "passar" na fase ofensiva.

Outra ideia que, na nossa opinião, deve contribuir para o menor número de trabalhos realizados sobre as subcategorias "Fase Defensiva", "Fase de Transição" e "Fase de Bolas paradas", é a de estas serem encaradas como formas de recurso. De facto, uma equipa deve procurar sempre ter a posse de bola e, quando não a tem, recorre a outra forma de organização quer seja para a recuperar, quer seja para evitar que entre na sua baliza (Castelo, 1996; Hughes, 1990; cit. Castelo, 1996). No entanto, cremos, também, que inerente à perspectiva de encarar estes processos como acções de recurso, pode veicular a ideia de que são processos de somenos importância, centrando-se, assim, grande parte da atenção no processo ofensivo.

Por si só, os resultados apontados podem descrever uma tendência temática, mas não permitem revelar totalmente a diversidade ou redundância dos temas, algo que definimos como um dos objectivos específicos do presente estudo. É possível, ao observarmos a indexação feita, perceber a existência de alguma repetição de temas. Mas esta observação, por si só, não é suficiente! Passamos a explicar porquê.

Se, de facto, todos os trabalhos monográficos respeitassem as normas definidas para a apresentação do tema, mais concretamente no que respeita a redacção do título do trabalho, poderíamos assumir que estes seriam um reflexo fiel do conteúdo do mesmo. E se assim se verificasse, poderíamos, então, afirmar a existência de repetição e redundância nos trabalhos analisados, já que existe elevada semelhança entre os títulos de vários

trabalhos. No entanto, como constataremos adiante, não é possível, nem cabe no âmbito do presente trabalho, tomar como certa a fidelidade de todos os títulos ao conteúdo dos respectivos trabalhos, pelo que não é viável fazer qualquer afirmação acerca da redundância dos mesmos. Existem, contudo, indícios da sua possível presença.

### 4.3 Panorama metodológico

Feito o levantamento e categorização dos métodos utilizados durante os últimos dezasseis anos, na produção de estudos monográficos (Quadro 4), facilmente se percebe a predominância da “Observação Directa” (n=113; 42,0%), enquanto método de eleição para a recolha de dados, e, ainda mais, da “Análise do Conteúdo” (n=202; 75,2%), como método escolhido para a sua análise. De facto, o método de “Análise Estatística” fica bem distante no número de casos registados, sendo utilizado como único meio de análise de dados em apenas 18,9% dos trabalhos (n=51). Somente 3,7% dos estudos foram conduzidos recorrendo à combinação dos dois métodos de análise. Os restantes 2,2% referem-se aos trabalhos cuja metodologia não foi identificada.

Enquanto métodos de recolha de dados, ficando numa distante segunda posição, no que se refere à sua utilização, aparece o “inquérito por Entrevista” (n=44; 16,4%), seguido por “Métodos Combinados” (n=32; 11,9%), “Recolha de Dados Preexistentes” (n=30; 11,2%), “Inquérito por Questionário” (n=27; 10%) e, por fim, “Aplicação de Testes” (n=17; 6,3%).

Os resultados obtidos acabam por re-enfatizar a posição da investigação em Futebol enquanto processo multidisciplinar, mas essencialmente de natureza descritiva, interpretativa e indutiva.

Como já vimos (Garganta, 2001; 2002a), o Futebol não é uma ciência, mas pode servir-se (e serve-se!), de várias ciências para se conhecer enquanto fenómeno. No entanto, devido à sua natureza complexa, enquanto jogo desportivo colectivo, são escassas as possibilidades de o analisar segundo uma metodologia quantitativa ou perante um paradigma positivista.

Quadro 4 – Mapeamento temático dos trabalhos monográficos segundo categoria metodológica e ano de entrega.

		Categorias Metodológicas								Total	
		AT-AE	DP-AC	DP-AE	IE-AC	IQ-AE	MC-AC	MC-AM	OD-AC		NI
Ano de Entrega	s/d	1						1	2		4
	1989		1								1
	1990		1								1
	1991		2			2	2	1	13		20
	1992		1		3	1	1	1	10	1	18
	1993		1		1		1		7		10
	1994		2			1			9	2	14
	1995	2			7		1	1	4		15
	1996		1		2	1		1	4		9
	1997		1		1	3			4	2	11
	1998	1	3		8				7		19
	1999	1			2		3		15		21
	2000		3	3	3	4	1	2	9		25
	2001	4	3	2		3	2	2	6		22
	2002	8	2		2	4	8		14		38
	2003		2	2	8	7	3		4		26
	2004				6	1		1	5		13
2005				1					1	2	
<b>Total</b>		<b>17</b>	<b>23</b>	<b>7</b>	<b>44</b>	<b>27</b>	<b>22</b>	<b>10</b>	<b>113</b>	<b>6</b>	<b>269</b>
<b>%</b>		<b>6,3</b>	<b>8,6</b>	<b>2,6</b>	<b>16,4</b>	<b>10,0</b>	<b>8,2</b>	<b>3,7</b>	<b>42,0</b>	<b>2,2</b>	<b>100</b>

■ Análise Estatística    ■ Análise do conteúdo

Legenda: AT-AE – “Aplicação de Testes/ Análise de Estatística”; DP-AC – “Recolha de Dados Preexistentes/ Análise do Conteúdo”; DP-AE - “Recolha de Dados Preexistentes/ Análise Estatística”; IE-AC – “Inquérito por Entrevista/ Análise do Conteúdo”; IQ-AE - “Inquérito por Questionário/ Análise Estatística”; MC-AC – Métodos “Combinados/ Análise do Conteúdo”; MC-AM – “Métodos Combinados/ Análise Mista”; OD-AC – “Observação Directa/ Análise do Conteúdo”; NI – “Não Identificável”; s/d – Sem data.

De facto, no tipo de sistema que caracteriza o Futebol, considerado de alta complexidade, que se desenvolve em contextos aleatórios, “a separação artificial dos factores que concorrem para o rendimento desportivo parece revelar-se inoperante” (Garganta, 2001:11). Nesse sentido, a recorrência ao paradigma naturalista emerge com maior incidência, como forma de aceder a um fenómeno dinâmico, cujo entendimento só se pode almejar quando decorre da prática em condição ou situação reais de jogo ou treino, devido à complexidade de relações que se estabelecem a cada momento que passa (Earls, 1986; cit. Sobral, 1993; Thomas & Nelson, 2001).

Reforçando esta ideia, acreditamos que a investigação em Futebol se identifica mais com uma lógica exploratória de descoberta e descrição de um esquema de inteligibilidade e, por conseguinte, com o paradigma naturalista, do que com a verificação rígida das relações entre variáveis, inerente ao

paradigma positivista, até porque este determina, em certa medida, o controlo das variáveis que se pretendem estudar, algo que é extremamente complicado no Futebol. Neste sentido, Garganta (2005:5) chama à atenção para a importância “do estudo do «enredo» do jogo, (...) mais do que do comportamento pontual e avulso dos seus autores”, de modo a manter, tanto quanto possível, a fidelidade da observação aos respectivos objectivos: proporcionar um aporte de informação estruturante para o treino e para a competição.

Por tudo o que aqui se verificou, constata-se uma tendência para a escolha de métodos de recolha de dados através de observação directa, consistente com a valorização da perspectiva ecológica da investigação (Garganta, 2005), e de métodos de análise do conteúdo, para o seu tratamento, estabelecendo-se uma relação directa com a metodologia qualitativa. Este é um panorama que se tem mantido ao longo dos anos, não se verificando qualquer aumento ou diminuição constantes que evidenciem evolução na tendência de selecção de métodos e que, de certa forma, já se esperava. Não nos esqueçamos que a selecção dos métodos depende da temática abordada e que, também neste estudo, se verificaram tendências, aparentemente, estáveis ao nível das mesmas.

Do mesmo modo que nos referimos à impossibilidade de concluir acerca da redundância ou repetição dos trabalhos, aquando da análise às temáticas abordadas, também neste caso se verificaram indícios da sua existência, que estes resultados, por si só, não permitem corroborar.

Por fim, justifica-se chamar à atenção para uma questão que surgiu durante o momento de levantamento das metodologias empregues. À medida que este foi decorrendo, tornou-se evidente o desconhecimento que a maioria dos autores aparentava ter em relação à terminologia técnica dos métodos de recolha dos dados, confundindo, especialmente, o conceito “indirecta” com o conceito “em diferido” (visionamento de vídeos ou transmissões televisivas), associados à observação. De facto, encontramos inúmeros trabalhos que alegavam utilizar o método de observação indirecta, para a recolha de dados, simplesmente por não terem estado presentes no local onde os fenómenos em

estudo decorreram, quando, pelo contrário, recorriam a métodos de observação directa. Outros há que apontam o inquérito por entrevista como um método de observação directa. Os autores parecem desconhecer que a observação directa consiste num método de recolha de dados em que o investigador não se dirige a terceiros para obter qualquer tipo de informação acerca do fenómeno, enquanto que a observação indirecta implica a interacção, a algum nível, deste com os participantes, obtendo os dados necessários através deles (Quivy & Campenhoudt, 1998).

### **4.3 Resultados do estudo dos casos “A”, “B” e “C”**

Os casos “A”, “B”, “C” foram seleccionados de acordo com o enunciado na secção de “Material e Métodos”, pelo que se justifica uma breve e introdutória caracterização dos mesmos segundo os critérios definidos.

O caso “A” é um tipo de estudo onde predomina a intenção de descrição panorâmica de um fenómeno que se insere na categoria temática “Jogo/ Fase Defensiva”, sendo os dados recolhidos e analisados, respectivamente, através dos métodos de Inquérito por entrevista e Análise do conteúdo.

No caso “B”, observa-se um estudo de características acentuadamente monográficas, onde o autor trata uma temática relacionada com a categoria de “Jogo/ Factores condicionantes/ Técnico-tácticos”, através da Aplicação de testes e Análise estatística, respectivamente, para recolha e análise dos dados.

Por fim, o caso “C”, apresenta características que se podem considerar mistas, situando-se entre os estudos de tipo monográfico e panorâmico. A temática que aborda insere-se na categoria “Treino/ Periodização/ Meios e Métodos”, tendo os dados referentes ao fenómeno em estudo sido obtidos através de Entrevista por inquérito e a sua análise feita com recurso ao método de Análise do conteúdo.

### 4.3.1 Resultados do estudo do caso “A”

A partir da observação da Quadro 5, é possível constatar que o trabalho em questão apresenta algumas lacunas no que respeita ao cumprimento das normas definidas. De facto, ao nível da sua estruturação e apresentação, constata-se o cumprimento de apenas 31 das 60 (51,6%) normas definidas. Só se observam duas secções em que o autor cumpre a totalidade das normas (“Índice” e “Resumo e palavras-chave”), encontrando-se no extremo oposto a secção de “Metodologia – objectivos e hipóteses”, onde nenhuma das normas definidas foi cumprida.

Quadro 5 – Perfil de cumprimento das normas definidas para a apresentação de trabalhos científicos: monografia. Caso “A”

Secção \ Nível	Ausente (0)*	Baixo (1)*	Moderado (2)*	Elevado (3)*	Completo (4)*
1.Tema				X	
2.Capa			X		
3.Índice					X
4.Resumo e palavras-chave					X
5.Listas de abreviaturas e símbolos					
6.Introdução			X		
7.Revisão bibliográfica/ enquadramento teórico				X	
8.Metodologia: Objectivos e hipóteses	X				
9. Metodologia : material e métodos			X		
10.Apresentação de resultados			X		
11.Discussão dos resultados				X	
12.Conclusão		X			
13.Bibliografia			X		
14.Posicionamento Ético		X			
15.Normas de Redacção			X		
16.Citações e Referências			X		
Apreciação global (Quantitativa)			31NC	60NA	51,7%**

Legenda: \* - Quantidade de normas cumpridas por secção; NC – Normas Cumpridas; NP – Normas Aplicáveis.

Os resultados observados levam-nos a questionar a direcção do próprio trabalho e, de algum modo, podem explicar a falta de clareza que a formulação do tema revela. De resto, a inexistência de objectivos e hipóteses precisos revela-se durante todo o trabalho, onde é, por várias vezes, perceptível a dispersão do autor para assuntos que, de certa forma, caem fora do âmbito da monografia. Aliás, o próprio identifica um dos subcapítulos como “A problemática de (...)”<sup>10</sup> e, segundo Quivy & Campenhoudt (1998), a escolha de uma problemática é um dos momentos de um trabalho científico, pelo que se o autor refere outra problemática, então está, claramente, a exceder as intenções do mesmo.

Por outro lado, se não há formulação nem de objectivos, nem de hipóteses, poderia contestar-se este julgamento acerca do âmbito específico desta monografia, uma vez que não é claro (nem pelo tema) qual este seja. No entanto, independentemente da direcção que o autor possa assumir para o seu trabalho, parece-nos óbvio que este excede os limites impostos para um trabalho monográfico, no seu entendimento comum.

Outra consequência que talvez se possa atribuir à falta de precisão na direcção do trabalho é o volume exasperado de informação que se transmite e repetição da mesma. De facto, tendo em conta que o trabalho em análise ultrapassa largamente o limite máximo de páginas (50) admitido no contexto descrito, só há três possíveis interpretações: ou (1) o tema não está bem delimitado, algo que só se obtém através da precisão na formulação da pergunta de partida, dos objectivos e das hipóteses (Quivy & Campenhoudt, 1998); ou (2) o autor do trabalho não soube ser conciso na redacção do mesmo, exagerando ou até repetindo desnecessariamente a informação transmitida; ou, ainda, (3) observa-se a conciliação das duas explicações anteriores. A última interpretação parece-nos ser a mais correcta. Na nossa opinião, este caso, na medida em que o autor confessa que é fruto de alguns anos de trabalho, caiu mesmo na tentação descrita por vários autores (D’Oliveira, 2002; Eco, 1998; & Quivy & Campenhoudt, 1998) de fazer um

---

<sup>10</sup> Pelos motivos de anonimato já referidos no capítulo de “Materiais e Métodos”, excusamo-nos a identificar completamente o título em questão, considerando que está assegurada a transmissão da informação relevante para sustentar o nosso ponto de vista.

trabalho muito abrangente onde se pretende falar de tudo. E essa tentação, aliada a outros factores já analisados, acabou por prejudicar um trabalho de valor e pertinência inquestionáveis.

Por fim, urge, também, analisar a questão do “Posicionamento Ético” na qual este caso registou um desempenho “Baixo”. Como vimos em vários autores (APA, 2002; Fortin, 2003, Thomas & Nelson, 2001) esta não é uma questão de somenos importância. Pelo contrário, além de constituir a base para os princípios morais que regem os trabalhos científicos (APA, 2002), pode ser visto como factor de atribuição de rigor científico e validade ao estudo em questão. Do mesmo modo, pode colocar o seu autor numa posição bastante desfavorável de descrédito frente à comunidade científica. Estamos em crer que os incumprimentos que se registaram a este nível não serão reflexo de uma atitude desleal ou imoral, até mesmo porque, grande parte destes resulta da defesa entusiasmada, diríamos mesmo, apaixonada de uma posição em que o autor parece acreditar piamente. No entanto, esta visão entusiasmada e entusiasmante não pode ser cega ao ponto de colocar todo o trabalho em risco.

Existem outros aspectos menos conseguidos do trabalho que, embora não deixem de ser relevantes, não serão aqui discutidos, uma vez que somos da opinião que se devem, na sua maioria, aos problemas já expostos. Contudo, é possível ter uma visão mais pormenorizada destes tanto no quadro que se apresentou, como na ficha de verificação aplicada (Anexo II).

#### **4.3.2 Resultados do estudo do caso “B”**

O estudo do caso “B” revelou o cumprimento, por parte do autor, de várias das normas aplicáveis. Da observação dos dados apresentados no Quadro 6 é possível reter a redacção de, apenas, uma secção com classificação de “Baixo” e de quatro secções de “Completo” respeito pelas normas definidas, sendo cumpridas, ao todo, 47 das normas aplicáveis.

No entanto, a observação e discussão que aqui são feitas prendem-se, essencialmente, com questões de estrutura ou de presença de certos

elementos que confirmam ou assegurem um potencial de comunicação de qualidade elevada, pelo que o respeito e conhecimento relativamente elevados que o autor aparenta ter pelas normas definidas não são, por si só, suficientes para atingir esse nível.

Quadro 6 – Perfil de cumprimento das normas definidas para a apresentação de trabalhos científicos: monografia. Caso “B”

Secção \ Nível	Ausente (0)*	Baixo (1)*	Moderado (2)*	Elevado (3)*	Completo (4)*
1.Tema				X	
2.Capaa					X
3.Índice				X	
4.Resumo e palavras-chave					X
5.Listas de abreviaturas e símbolos					
6.Introdução		X			
7.Revisão bibliográfica/ enquadramento teórico			X		
8. Metodologia: Objectivos e hipóteses					X
9. Metodologia: material e métodos					X
10.Apresentação de resultados			X		
11.Discussão dos resultados					X
12.Conclusão				X	
13.Bibliografia				X	
14.Posicionamento Ético				X	
15.Normas de Redacção					X
16.Citações e Referências				X	
Apreciação global (Quantitativa)			47NC	60NA	78,3%**

Legenda: \* - Quantidade de normas cumpridas por secção; \*\* Percentagem de normas cumpridas em função das normas aplicáveis; NC – Normas Cumpridas; NP – Normas Aplicáveis.

De facto, a principal dificuldade com que o autor parece se deparar situa-se ao nível do discurso, tanto na clareza com que expõe as diversas posições (incluindo a sua) como no seu encadeamento lógico.

A dificuldade referida revela-se com maior preponderância nas secções de “Introdução” e “Revisão bibliográfica/ enquadramento teórico” onde, na nossa opinião, a inexistência de um encadeamento claro e lógico leva, inadvertidamente, à escassez e dispersão de informação. Por outro lado, esta dificuldade tem um efeito oposto na secção de “Apresentação e discussão dos resultados”, onde se evidencia alguma repetição de informação. O exemplo

mais flagrante deste efeito será a apresentação de um quadro e de uma figura exactamente com os mesmos dados. O autor justifica a sua decisão de apresentar a figura como complemento ao quadro de forma a providenciar uma visão mais clara da relação entre as variáveis. No entanto, segundo as normas da *American Psychological Association*<sup>11</sup>, a apresentação de resultados em quadros deve ser feita de modo a que a informação ou relação entre variáveis que se pretende expressar seja apreendida de forma relativamente imediata, pelo que, mais uma vez, fica evidente a obrigação do autor a escolher um de entre os dois meios, sendo seleccionado o que considerar mais eficaz.

Contudo, a contrariar um discurso algo disperso e confuso, encontramos, de facto, várias secções nas quais o autor cumpre todas as normas aplicáveis, conferindo ao seu trabalho de investigação o rigor que estas permitem e a qualidade que daí advém. De facto, embora o autor não chegue a comprovar a pertinência do seu estudo dentro do panorama científico, fica clara, através da formulação dos objectivos e hipóteses, a direcção que este toma, assim como fica assegurada a possibilidade/ qualidade de replicação, através de uma descrição completa e precisa dos instrumentos aplicados e procedimento, na secção de material e métodos.

Neste trabalho, observa-se ainda o incumprimento de algumas regras às quais nos referiremos mais tarde e que podem ser observadas de forma mais específica na grelha aplicada ao estudo em questão (Anexo III).

#### **4.3.4 Resultados do estudo do caso “C”**

Da análise do caso “C”, obtiveram-se os seguintes resultados que são apresentados no Quadro 7. O trabalho apresenta uma secção em cada extremo do perfil (“Ausente” e “Completo”), sendo as restantes praticamente divididas entre os níveis intermédios. No total, de 60 normas aplicáveis, este

---

<sup>11</sup> Como já referimos, a instituição FCDEF-UP anuncia no seu documento “Normas para a redacção e apresentação de teses e dissertações” o desejo de aproximação das suas normas às definidas por esta instituição.

trabalho cumpre com 37, o que lhe confere uma taxa de sucesso, no que à aplicação da grelha de verificação (Anexo IV) diz respeito, de 61,7%.

Quadro 7 – Perfil de cumprimento das normas definidas para a apresentação de trabalhos científicos: monografia. Caso “C”

Secção \ Nível	Ausente (0)*	Baixo (1)*	Moderado (2)*	Elevado (3)*	Completo (4)*
1.Tema				X	
2.Capa		X			
3.Índice				X	
4.Resumo e palavras-chave				X	
5.Listas de abreviaturas e símbolos					
6.Introdução				X	
7.Revisão bibliográfica/ enquadramento teórico			X		
8. Metodologia: Objectivos e hipóteses	X				
9. Metodologia: material e métodos				X	
10.Apresentação de resultados				X	
11.Discussão dos resultados					X
12.Conclusão			X		
13.Bibliografia			X		
14.Posicionamento Ético				X	
15.Normas de Redacção			X		
16.Citações e Referências				X	
Apreciação global (Quantitativa)			37NC	60NA	61,7%**

Legenda: \* - Quantidade de normas cumpridas por secção; \*\* Percentagem de normas cumpridas em função das normas aplicáveis; NC – Normas Cumpridas; NP – Normas Aplicáveis.

O estudo e, mais concretamente, a leitura do caso “C” revelaram-se, em certas ocasiões, bastante difíceis. De facto, o discurso de que o autor faz uso, apesar de ser relativamente claro, revela, frequentemente, um fraco encadeamento, particularmente na secção de “Revisão bibliográfica/ enquadramento teórico”. Por vezes, parece não existir um fio de raciocínio que dê uma forma sequencial e lógica à apresentação das ideias ou teorias. Esta organização (ou falta dela), por sua vez, leva a que certas conclusões não sejam devidamente contextualizadas ou fundamentadas, admitindo sérias dúvidas à sua validade.

Outra consequência que se poderá atribuir à falta de um fio condutor do raciocínio será a sensação, em determinado ponto da referida secção, de que o autor deambula num círculo, de diâmetro constante, à volta da relação que se estabelece entre determinados conceitos e teorias, e, portanto, sem daí evoluir. Esta perspectiva é, particularmente, evidente sempre que se faz menção à principal teoria em que o estudo se baseia. Além disso, o facto de não se agrupar os autores estudados, segundo a sua posição em relação ao assunto, tema ou objecto em estudo, mas se repetir sistematicamente a mesma informação, veiculada por diferentes fontes, parece sustentar a nossa observação.

Apesar da importância que conferimos (e já expressamos) à formulação de hipóteses enquanto guias mais precisas de um trabalho de investigação, não acreditamos que a sua inexistência, neste caso, seja a principal causa das dificuldades acima enunciadas. De facto, parece-nos que o autor conseguiu reunir a informação de que necessitava, sem sair do âmbito do trabalho, mas não foi, depois, capaz de a transmitir de forma sucinta e organizada. De resto, só nos foi possível entender o âmbito do trabalho através dos objectivos que o autor enuncia na secção de “Resumo”, já que o tema não o deixou claro. Curiosamente, apesar de constarem nesta secção, o que, até pela denominação e papel da mesma, indicaria a sua presença ao longo do trabalho, os objectivos apenas se podem encontrar, de novo, na secção conjunta de “Apresentação e discussão dos resultados”. Algo que é, manifestamente, insuficiente e contra as normas definidas.

É, ainda, nossa convicção, pelo que acabamos de expor, de que o trabalho em questão poderia estar apresentado de forma mais concisa, encurtando, assim, o volume de páginas que o constitui, para um número mais próximo dos limites impostos pelas normas do “Gabinete de Futebol” da FCDEF-UP.

Por fim, achamos relevante discutir uma última questão respeitante à actualidade da literatura consultada. Neste ponto, já manifestamos a opinião de que o autor reuniu a informação considerada pertinente para o estudo. Contudo, parece-nos algo despropositada a consulta e referência a um

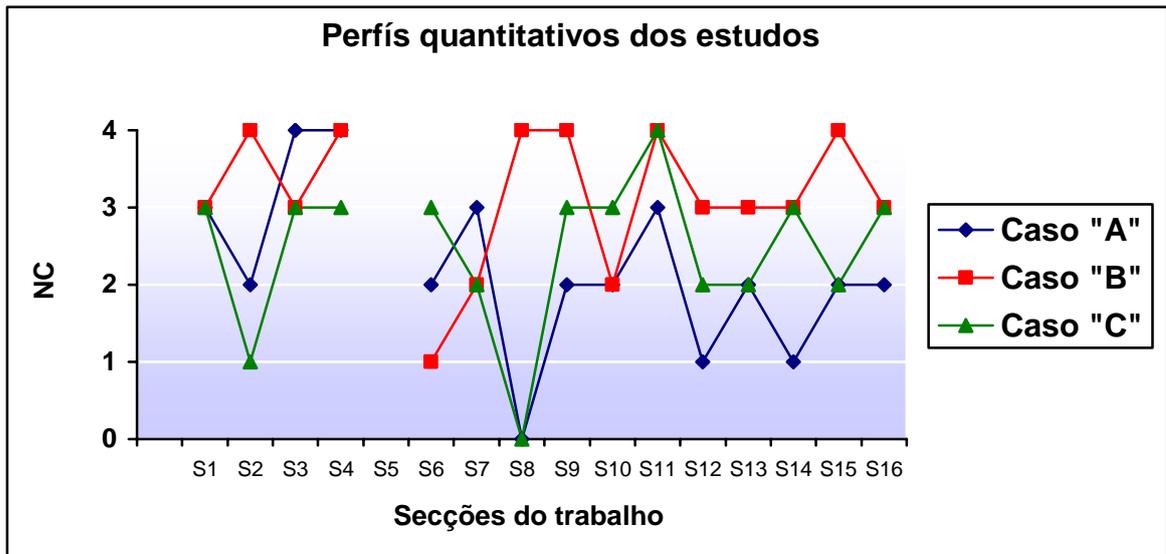
dicionário da língua portuguesa publicado há cerca de vinte e quatro anos, especialmente quando se o faz para definir um dos conceitos centrais da investigação. A definição de conceitos, segundo vimos em Quivy & Campenhoudt (1998) é um momento fundamental para a construção do modelo de análise, sendo a partir desta que se definem os indicadores necessários para a operacionalização das variáveis e se assegura a direcção da investigação. Ora se o autor se baseia numa definição realizada num passado, diga-se, já algo distante, para proceder a uma investigação de um fenómeno que se observa no tempo presente, corre o risco de, ele próprio, invalidar as conclusões a que chegou.

#### **4.3.5 Resultados da análise conjunta “ABC”.**

Após a conclusão da análise de cada caso e a apresentação das questões mais relevantes, importa realizar uma análise conjunta dos mesmos, no sentido de enfatizar eventuais semelhanças/diferenças na posição dos autores em relação às normas que orientam a processologia e construção da monografia.

A Figura 1 apresenta o perfil de cada um dos três casos analisados, permitindo a sua comparação. Logo à partida, constata-se que cada caso apresenta um perfil bastante diferente dos restantes, onde apenas em algumas secções se observa a sobreposição. Esta, aliás, só se regista simultaneamente para os três casos numa secção, a do “Tema” (S1).

No entanto, mesmo no que se refere às sobreposições, se observarmos e compararmos as fichas de verificação aplicadas a cada um dos casos (Anexos II, III e IV), verificamos que estes dados apresentados numa forma idêntica, revelando o cumprimento de determinado número de normas por secção, nem sempre são coincidentes no seu conteúdo. Ou seja, mesmo que o número de normas cumpridas seja o mesmo, isto não significa que as normas a que se referem sejam as mesmas.



**Figura 1:** Comparação dos perfis quantitativos de cada um dos três casos (A, B e C): Número de normas cumpridas (NC) por seção (S).

De facto, a confrontação dos estudos com a grelha construída produziu resultados de tal forma díspares que a sensação que ficaria, caso não tivéssemos conhecimento de causa, era a de não existirem normas definidas para a elaboração e apresentação de um trabalho desta natureza. No entanto, as normas existem e, sendo assim, os resultados levam-nos a assumir que são os autores que não estão devidamente familiarizados com as mesmas ou que, por qualquer motivo relacionado especificamente com o seu trabalho, optaram por não as seguir. Se, de facto, se registou a segunda situação, convirá perceber por que motivo se optou por não seguir as normas existentes e, caso se chegue a uma justificação plausível, analisar a pertinência das mesmas face a influência (positiva e/ou negativa) que podem ter na construção do conhecimento. Ou seja, estas são pertinentes quando possibilitam que a investigação decorra de acordo com os parâmetros essenciais à realização de uma monografia; mas perdem a sua pertinência se, de alguma forma, impedirem que o trabalho evolua para um conhecimento mais profundo, mesmo sem sair do âmbito de uma monografia.

Talvez a norma que limita o volume de páginas admitido seja o melhor exemplo do que tentamos explicar. Dos três casos estudados, dois ultrapassam o limite definido. Do mesmo modo, durante o momento em que se procedeu à

indexação dos trabalhos, verificou-se que existiam diversos estudos que não cumpriam esta norma. Se assim acontece, justifica-se o levantamento dos motivos para tal facto e a posterior reflexão acerca da adequação do limite de páginas aos objectivos definidos para a elaboração da monografia.

No caso específico deste estudo, torna-se perceptível que o limite de páginas imposto é ultrapassado. Contudo, considerou-se que o respeito estrito por este limitaria notavelmente o alcance do trabalho, pelo que se optou por não seguir a norma que prescreve esse limite.

Na necessidade de poder determinar qual das duas situações se verifica nos casos analisados (A, B e C), torna-se relevante discutir em particular uma questão que diz respeito à observação da forma como os autores fazem ou tratam as citações de outros autores. Se atentarmos nas secções de “Bibliografia” (S13) e “Citações e referências” (S16), verificamos que nenhum dos autores cumpre a totalidade das regras definidas o que representa uma falta de “exactidão técnica” no trabalho (Tuckman, 2000:550). A inadequação do procedimento de citação e referenciação, como vimos, podem trazer consequências graves ao nível de confiança do estudo. Neste caso, parece-nos improvável a existência de uma justificação plausível para o facto constatado. E, assim sendo, apresenta-se como mais provável o desconhecimento das normas por parte dos seus autores, do que a opção de incumprimento das mesmas, que, obviamente, implicaria o seu conhecimento.

Apesar dos resultados obtidos nos permitirem confirmar as expectativas criadas em torno do cumprimento/incumprimento das normas, estes não permitem concluir de forma precisa acerca da posição dos restantes trabalhos em relação à mesma, já que apenas se analisaram em profundidade os três estudos descritos. Não obstante, baseando-nos na percepção da realidade que temos, adquirida aquando do manuseamento (repetido) da totalidade dos trabalhos que constituem a população em estudo, sentimo-nos perfeitamente seguros ao afirmar que a apreciação feita a estes casos não seria muito diferente daquela resultante da análise de outros. Durante essa experiência, foi claramente visível o desrespeito de várias das normas que aqui apresentamos

como estando bem definidas. Poderá argumentar-se que vários trabalhos foram realizados antes da definição oficial das regras da instituição em questão, uma vez que o primeiro documento a fazê-lo só data de 2002. No entanto, a observação de desvios em relação à norma não se restringe àquelas apresentadas nestes documentos, mas abarca as definidas pela generalidade da comunidade científica.



## 5. Conclusões

São várias as conclusões que se retiram deste estudo. No sentido de manter a direcção estabelecida inicialmente para o mesmo, optamos por apresentar as conclusões acerca das expectativas enunciadas, seguidas, cada qual, das constatações que nos permitiram atingir esse conhecimento.

### 5.1 Confirmação da primeira proposição

Os resultados obtidos através do tratamento dos dados, permitem confirmar a existência de tendências temáticas ou metodológicas que possam indiciar uma repetição ou redundância dos trabalhos realizados.

Estas tendências são observadas tanto no campo das temáticas, como no campo das metodologias e são indicadas pelas seguintes conclusões:

- *Acerca das temáticas*

- A categoria “Jogo” (n=149; 55,4%) representa a maioria dos trabalhos elaborados até à data, definindo-se como uma tendência;

- Dentro desta, a subcategoria “Fase Ofensiva” (n=54; 20,1%) apresenta um predomínio acentuado, registando-se, ao longo dos anos, desde 1991, a presença constante de, pelo menos, um trabalho sobre esta temática;

- As categorias “Treino” e “Intervenientes” apresentam, apenas e respectivamente, 64 (23,8%) e 53 (18,7%) casos;

- Os resultados obtidos apresentam uma certa concordância com os dados apresentados por Reilly & Gilbourne (2003), que apontaram uma maior frequência dos estudos de “Análise do jogo” em relação aos demais;

- Os mesmos resultados vão, no entanto, de encontro aos resultados avançados por Garganta et al. (1996), que apresentam a menor frequência de estudos de investigação da dimensão táctica em detrimento dos estudos de investigação das dimensões técnica, física e psicológica;

- Apesar dos resultados permitirem concluir acerca da existência de uma tendência temática, não permitem concluir acerca da redundância dos trabalhos, uma vez que a fidelidade dos títulos dos trabalhos aos conteúdos dos mesmos não está assegurada;

- Não obstante, as expectativas para este estudo confirmam-se porque, de facto, se verifica a existência de tendências temáticas e de indícios que levam a suspeitar da redundância temática dos trabalhos, possivelmente justificadas pela exposição dos seus autores a uma perspectiva em que se valorizam as “peculiaridades tácticas do jogo, nomeadamente o estilo e os métodos de jogo (ofensivo e defensivo)” (Garganta et al., 1996)-

- *Acerca das metodologias*

- Os resultados manifestam uma tendência dos investigadores/ autores para a escolha de métodos de “Observação Directa” (n=113, 42,0%), seguidos, de longe, por “Inquérito por Entrevista” (n=44; 16,4%) para a etapa de recolha de dados;

- Do mesmo modo, constata-se uma tendência para o recurso a métodos de “Análise do Conteúdo” (n=202; 75,2%) em detrimento dos métodos de “Análise Estatística” (n= 51; 18,9%) ou “Análise Mista” (n=10; 3,7%), para a etapa de tratamento e análise dos dados;

- Os resultados e a natureza do fenómeno em questão (o Futebol) parecem reforçar a ideia de existência de uma tendência para a relação das investigações em Futebol com o Paradigma Naturalista e, por conseguinte, com as metodologias qualitativas;

- Os resultados obtidos já eram, de certa forma, esperados devido às características de “complementaridade” entre temáticas, métodos de recolha de dados e métodos de análise de dados;

- Da mesma forma que, por si só, estes resultados não confirmam a redundância dos trabalhos, existem indícios – verificados através do manuseamento dos mesmos – de que tal seja plausível.

## 5.2 Confirmação da segunda proposição

Esta proposição foi verificada através dos três estudos de caso (A, B e C) que se realizaram no quarto momento da elaboração desta monografia. Os resultados gerados por essa análise permitiram confirmar que nem todos os estudos observam de forma estrita e completa as normas definidas para a elaboração e apresentação de uma dissertação desta natureza

Para a confirmação do enviesamento em relação às normas por parte de alguns trabalhos, procedeu-se à análise individual de cada um dos três casos, enquanto que, para a confirmação da inadequação da processologia empregue, optou-se pela análise conjunta dos três casos, chegando-se às seguintes conclusões:

- *Acerca da análise de cada caso (A, B e C)*

- Todos os casos analisados revelaram o cumprimento parcial de diversas normas definidas pela FCDEF-UP e pela comunidade científica, para os trabalhos científicos de âmbito monográfico;

- No caso “A”, verificou-se o cumprimento de apenas 31 em 60 normas aplicáveis (51,7%), revelando-se a dispersão e a repetição excessivas e a falta de clareza, em alguns casos, na informação que o autor procurou transmitir, sendo estas dificuldades atribuídas à inexistência de objectivos e hipóteses bem delineados e resultando, em última análise num volume excessivo de páginas;

- Ainda em relação ao caso “A”, a secção do “Posicionamento Ético” merece menção, uma vez que o seu autor demonstrou um fraco desempenho na mesma, arriscando pôr em causa todo o seu trabalho.

- Nos casos “B” e “C”, as principais dificuldades verificaram-se ao nível da clareza e encadeamento lógico do discurso, resultando na repetição excessiva ou escassez de informação. Verificou-se o cumprimento de, respectivamente, 47 (78,3%) e 37 (61,7%) normas, em 60 aplicáveis;

- Confirmam-se as expectativas enunciadas para este estudo, pois verifica-se que não existe uma observância estrita das normas por parte dos casos (A, B e C) analisados.

- *Acerca da análise conjunta dos três casos (A, B e C)*

- Os perfis traçados para cada caso diferem substancialmente, indicando que não há um padrão de enviesamento ou a distinção entre “secções habitualmente bem construídas” e “secções habitualmente mal construídas”;

- Além do perfil quantitativo diferir, a observação das grelhas de verificação mostra-nos que as regras que não se observam são diferentes para cada caso;

- Os dados permitem considerar duas situações possíveis: os autores das monografias (1) não possuem o conhecimento das normas definidas para a elaboração e apresentação de um trabalho desta natureza; ou (2) optam, por algum motivo relacionado especificamente com o seu trabalho, por não as seguir, implicando, contudo, que tenham conhecimento das mesmas.

- Não obstante, salvaguardando a existência pontual do incumprimento por opção e, portanto, consciente de alguma norma, parece-nos, de acordo com os dados obtidos, mais provável que o cumprimento parcial das normas se deva a um desconhecimento acerca das mesmas, por parte dos autores dos trabalhos.

- Contudo, será necessário ter em atenção que no caso de o próprio autor optar por não seguir uma norma estabelecida, deve-se procurar saber os motivos pelos quais essa opção foi tomada e, se se justificar, reflectir acerca da pertinência dessa norma enquanto promotora do potencial do estudo e não limitadora do mesmo.

### 5.3 Sugestões para futuros estudos

O presente estudo, tendo como objectivo identificar e apreciar criticamente os estudos monográficos produzidos entre o dia 1 de Setembro de 1988 e o dia 30 de Junho de 2005, no âmbito da disciplina de Seminário – Área de Futebol, da opção curricular de “Desporto de Rendimento” da Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto, de modo a obter um ponto de situação no que diz respeito às suas componentes temática, metodológica e estrutural., pretende, também, servir de ponto de apoio para outros possíveis estudos. Nesse sentido, apresentam-se algumas sugestões para futuros estudos que acreditamos serem pertinentes, cobrindo as seguintes temáticas:

- Apreciação global da formulação dos temas e estudo de congruência entre este e a metodologia adoptada;
- Estudo de fidelidade dos títulos dos trabalhos ao seu conteúdo;
- Estudo da percepção dos discentes da cadeira de Seminário relativamente à adequação das normas definidas;
- Estudo de aplicação da mesma temática para diferentes áreas da cadeira de Seminário;
- Construção de uma base de dados geral acerca dos trabalhos monográficos produzidos no âmbito da cadeira de Seminário, da FCDEF-UP.



## 6. Bibliografia

ALBARELLO, Luc; DIGNEFFE, Françoise; HIERNAUX, Jean-Pierre (1997): *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Ed. Gradiva. Lisboa.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando (2002): *O método nas Ciências Naturais e Sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa* (pp. 169-178) Pioneira Learning Thompson.

American Psychological Association (2002): *Publication Manual of the American Psychological Association* (5ª Ed.) Washington, D.C., United States of America.

CARMO, Hermano & FERREIRA, Manuela Malherio (1998): Inquéritos por Entrevista e Questionário. *in Metodologia da investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. (pp.123-148) Universidade Aberta, Lisboa.

CASTELO, Jorge (1996): *"Futebol: A organização do jogo. Como entender a organização dinâmica de uma equipa de futebol e a partir desta compreensão como melhorar o rendimento e a direcção dos jogadores e da equipa"*. Edição do Autor. Portugal.

D'OLIVEIRA, Teresa (2002): *Teses e Dissertações. Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. RH Editora, Lisboa

ECO, Umberto (1990): *Os limites da interpretação*. Ed. Edifel, Lisboa

ECO, Umberto (1998): *Como se faz uma tese em Ciências Humanas* (7ª Ed.) Editorial Presença Lda, Lisboa.

FORTIN, Marie-Fabienne (2003): *O processo de investigação: da concepção à realização* (3ª Edição). Ed. Lusociência, Lisboa.

GARCIA, Rui Proença (2002): Ciência e Investigação: Uma reflexão antropológica. *in Caderno de pesquisa: pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação*. (1) 1ºSemestre:8-12.

GARGANTA, Júlio (1997): Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. *Dissertação de Doutoramento* apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

GARGANTA, Julio (2001): Futebol e Ciência. Ciência e Futebol. *in Revista Digital Educación Física y Deportes*. Ano 7, (40): 1-14.

GARGANTA, Júlio (2002a): Prefácio *in* Júlio Garganta; António Ardá Suarez; Carlos Lago Peñas. *A investigação em Futebol: Estudos Ibéricos*. Publicação F.C.D.E.F.-U.P., Porto.

GARGANTA, Júlio (2002b): Treino Desportivo: Metodologia I - Futebol. Relatório elaborado nos termos do nº2 do artigo 44 do Estatuto da Carreira Docente Universitária. *Concurso para Professor Associado do 1º grupo de disciplinas*. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto.

GARGANTA, Júlio (2005): Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés... e cabeça. *in* Duarte Araújo (Ed.): *O contexto da decisão - a acção táctica no desporto*. Edição Visão e Contextos, Lisboa.

GARGANTA, Júlio; MAIA, José; MARQUES, António (1996): Acerca da investigação dos factores do rendimento em Futebol. *in Revista Paulista de Educação Física*. 10 (2): 1-14.

GRANADO, António (2005): Aveiro lidera investigação universitária em Portugal *in* Público.pt (*em linha*) 25 de Julho de 2005 (consult. em 10 de Outubro de 2005) disponível em <http://www.publico.clx.pt/shownews.asp?id=1229006&idCanal=58>.

HEINEMANN, Klaus (2003): *Introducción a la metodología de la investigación empírica en las ciencias del deporte*. Editorial Paidotribo, Barcelona.

HIL, Manuela Magalhães & HIL, Andrew (2000): *Investigação por Questionário*. Edições Sílabo, Lisboa.

MANZINI, Eduardo José (2004): Intercâmbios entre a educação especial e a educação física adaptada: algumas categorias a serem estudadas para uma abordagem inclusiva *in* J. E. Campello (Organizador) *Paradigma, vivências e currículo*. (pp.129-144). Coleção Prata da casa, nº12, São Luís:Imprensa Universitária.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. (1999): *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados* (4ª edição). Ed. Atlas, São Paulo.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. (1998): *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª Edição). Editora Gradiva - Publicações Lda., Lisboa.

REILLY, Thomas (1996): Introduction to Science and Soccer. *in Science and Soccer*. (pp. 1-7). Pub. E & FN Spon, London.

REILLY, Thomas; GILBOURNE, David (2003): Science and football: a review of applied research in the football codes. *in Journal of Sports Sciences*, (21): 693-705

SOBRAL, Francisco (1993): *Sobre a atitude e o método em ciências do desporto*. Faculdade de Motricidade Humana, Serviço de Edições, Lisboa.

THOMAS, Jerry R., NELSON, Jack K. (2001): *Research methods in physical activity*. (4th ed.) Champaign. Human Kinetics.

TUCKMAN, Bruce W. (2000): Análise Crítica de uma Investigação. *in Manual de Investigação em Educação. Como conceber e realizar o processo de investigação em Educação*. (pp. 542-565). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

**Outras Fontes:**

Normas e orientações para a redacção e apresentação de dissertações (2002). Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto

Normas e orientações para a redacção e apresentação de dissertações (2004). Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto

Programa e normas orientadoras da cadeira de Seminário na área de Futebol (1999), Júlio Garganta (Eds), Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto

Guia do Estudante da Universidade do Porto (*on-line*). Página gerada em: 2005-12-01 às 22:33:39 (consult. em 10 de Outubro de 2005) disponível em [http://sigarra.up.pt/up/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=1182](http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=1182).

## 7. Anexos



## Anexo I – Grelha de Verificação

Autor:		Ano:	Ref. Biblioteca:	
Tema:				
Método:				
Orientador:			Categoria:	
P	A		S	N
		<b>1. Tema, Problema ou Pergunta de partida</b> - O problema é claro? - O problema é pertinente? - O problema é exequível? - O problema é conciso, circunscrito?		
		<b>2. Capa</b> - Estão presentes e bem colocados todos os elementos identificativos do trabalho? - É possível identificar claramente, através do título: <ul style="list-style-type: none"> <li>- O tipo de estudo?</li> <li>- Os fenómenos em estudo?</li> <li>- A população alvo do estudo?</li> </ul>		
		<b>3. Índice</b> - O trabalho apresenta os índices que se justifica (geral, figuras, quadros e equações)? - O índices presentes são: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precisos?</li> <li>- Adequados?</li> <li>- Completos?</li> </ul>		
		<b>4. Resumo e Palavras-chave</b> - Está patente apenas a informação relevante do trabalho: o objectivo, a metodologia empregue, os resultados mais importantes e as principais conclusões? - Está redigido de uma forma sequencial e lógica? - As palavras-chave estão definidas? - As palavras-chave relacionam-se de forma directa com o conteúdo do trabalho?		
		<b>5. Listas de Abreviaturas e Símbolos</b> - As listas estão completas, apresentando todos os elementos existentes e respectiva informação? - O ordenamento das listas está feito segundo ordem cronológica ou alfabética? - Existe um número adequado, não excessivo, de abreviaturas? - Evita-se, aparentemente, inventar novas abreviaturas?		
		<b>6. Introdução</b> - É feita uma breve apresentação temática do estado actual do conhecimento? - Estabelece-se a relação do presente estudo com o estado actual do conhecimento (Justificação)? - Estão apresentados todos os elementos necessários para definir um fio condutor do trabalho (problema, objectivos, estrutura e intenções)? - A introdução está redigida de forma clara, deixando perceber a direcção do trabalho?		
		<b>7. Revisão Bibliográfica/ Enquadramento teórico</b> - Faz-se uma exposição exaustiva, actual, crítica e objectiva da literatura apresentada? - Está presente um enquadramento teórico que permita identificar a direcção do trabalho? - A argumentação discursiva é concisa e feita através de frases claras e sintéticas? - A informação é concisa não se excedendo os limites que possam perturbar a harmonia e equilíbrio do trabalho completo?		
		<b>Metodologia</b>		

	<p><b>8. Objectivos e Hipóteses</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os objectivos estão formulados de maneira a indicar uma orientação precisa (tipo de estudo) de forma clara?</li> <li>- Estão presentes os elementos necessários para uma definição completa do objectivo do estudo (variáveis- chave; população alvo e contexto do estudo)?</li> <li>- As hipóteses decorrem da argumentação anterior (revisão da literatura/ introdução)</li> <li>- As hipóteses estão formuladas adequadamente, segundo as características de “verificabilidade” e “refutabilidade”?</li> </ul> <p><b>9. Material e Métodos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Está devida e completamente identificada a população-alvo/ amostra?</li> <li>- Os materiais utilizados são identificados e descritos de uma forma objectiva?</li> <li>- Estão descritos todos os passos ou procedimentos de uma forma sequencial?</li> <li>- O método empregue é congruente com os objectivos do trabalho?</li> </ul>		
	<p><b>Resultados e discussão</b></p> <p><b>10. Resultados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os resultados apresentados são relevantes?</li> <li>- Evita-se a repetição e redundância de informação?</li> <li>- A informação é passada de forma clara e sucinta?</li> <li>- As formas de apresentação de dados ( p.e. tabelas, quadros e figuras) são devidamente identificadas, numeradas e legendadas?</li> </ul> <p><b>11. Discussão</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os resultados são analisados e interpretados através da confrontação crítica com a literatura existente?</li> <li>- A discussão limita-se ao permitido pelos resultados obtidos?</li> <li>- São apresentadas justificações para os resultados obtidos?</li> <li>- São apresentadas as limitações e aplicações dos resultados obtidos?</li> </ul>		
	<p><b>12. Conclusão</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os objectivos são confrontados com os resultados obtidos, atingindo-se conclusões pertinentes?</li> <li>- As hipóteses são confrontadas com os resultados obtidos, sendo possível concluir acerca da sua confirmação ou infirmação?</li> <li>- Os limites da generalização são respeitados, tendo em conta a metodologia empregue e os resultados obtidos?</li> <li>- São apresentadas sugestões para futuros estudos?</li> </ul>		
	<p><b>13. Bibliografia ou Referências Bibliográficas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- É adequado o título da secção, tendo em conta as referências presentes?</li> <li>- As referências bibliográficas estão ordenadas alfabeticamente pelo sistema autor/ano?</li> <li>- Estão presentes os elementos essenciais para a identificação completa de uma referência, seja:             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro, secção de um livro, ou periódicos?</li> <li>- Documentos electrónicos, documentos manuscritos ou de arquivo?</li> </ul> </li> </ul>		
	<p><b>14. Posicionamento Ético</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- São respeitadas as questões de anonimato?</li> <li>- Menciona a anuência dos participantes em relação à sua participação no estudo?</li> <li>- Menciona se foi dada informação prévia aos participantes acerca dos propósitos do estudo?</li> <li>- Existe um tratamento justo e equitativo dos participantes/ autores ou da informação cedida por estes?</li> </ul>		
	<p><b>15. Normas de Redacção</b></p> <p><b>Volume</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O volume de páginas está dentro do limite ou justificado, no caso de o ultrapassar?</li> <li>- Existe equilíbrio entre o volume de páginas atribuído às diferentes partes do documento?</li> </ul> <p><b>Formatação do Texto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O estilo de registo apresentado corresponde ao imposto pelas normas da instituição?</li> <li>- A paginação está de acordo com as normas definidas pela instituição?</li> </ul>		
	<p><b>16. Citações e Referências</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando se faz uma citação, apresenta-se a página do trabalho original onde esta pode ser lida?</li> <li>- A citação é fiel (mesmas palavras) à fonte de onde foi retirada?</li> <li>- As citações são coerentes com a linha de raciocínio apresentada?</li> <li>- Todas as citações ou referências são bem identificadas na bibliografia?</li> </ul>		

## Anexo II – Grelha de verificação aplicada ao caso “A”

Autor:		Ano:	Ref. Biblioteca:	
Tema:				
Método:				
Orientador:			Categoria:	
P	A		S	N
P		<b>1. Tema, Problema ou Pergunta de partida</b> - O problema é claro? - O problema é pertinente? - O problema é exequível? - O problema é conciso, circunscrito?	x x x	x
P		<b>2. Capa</b> - Estão presentes e bem colocados todos os elementos identificativos do trabalho? - É possível identificar claramente, através do título: <ul style="list-style-type: none"> <li>- O tipo de estudo?</li> <li>- Os fenómenos em estudo?</li> <li>- A população alvo do estudo?</li> </ul>	x x	x x
P		<b>3. Índice</b> - O trabalho apresenta os índices que se justifica (geral, figuras, quadros e equações)? - O índices presentes são: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precisos?</li> <li>- Adequados?</li> <li>- Completos?</li> </ul>	x x x x	
P		<b>4. Resumo e Palavras-chave</b> - Está patente apenas a informação relevante do trabalho: o objectivo, a metodologia empregue, os resultados mais importantes e as principais conclusões? - Está redigido de uma forma sequencial e lógica? - As palavras-chave estão definidas? - As palavras-chave relacionam-se de forma directa com o conteúdo do trabalho?	x x x x	
	A	<b>5. Listas de Abreviaturas e Símbolos</b> - As listas estão completas, apresentando todos os elementos existentes e respectiva informação? - O ordenamento das listas está feito segundo ordem cronológica ou alfabética? - Existe um número adequado, não excessivo, de abreviaturas? - Evita-se, aparentemente, inventar novas abreviaturas?		
P		<b>6. Introdução</b> - É feita uma breve apresentação temática do estado actual do conhecimento? - Estabelece-se a relação do presente estudo com o estado actual do conhecimento (Justificação)? - Estão apresentados todos os elementos necessários para definir um fio condutor do trabalho (problema, objectivos, estrutura e intenções)? - A introdução está redigida de forma clara, deixando perceber a direcção do trabalho?	x x	x x
P		<b>7. Revisão Bibliográfica/ Enquadramento teórico</b> - Faz-se uma exposição exaustiva, actual, crítica e objectiva da literatura apresentada? - Está presente um enquadramento teórico que permita identificar a direcção do trabalho? - A argumentação discursiva é concisa e feita através de frases claras e sintéticas? - A informação é concisa não se excedendo os limites que possam perturbar a harmonia e equilíbrio do trabalho completo?	x x x	x
P		<b>Metodologia</b>		



### Anexo III – Grelha de verificação aplicada ao caso “B”

Autor:		Ano:	Ref. Biblioteca:	
Tema:				
Método:				
Orientador:			Categoria:	
P	A		S	N
P		<b>1. Tema, Problema ou Pergunta de partida</b> - O problema é claro? - O problema é pertinente? - O problema é exequível? - O problema é conciso, circunscrito?	x x x	x
P		<b>2. Capa</b> - Estão presentes e bem colocados todos os elementos identificativos do trabalho? - É possível identificar claramente, através do título: <ul style="list-style-type: none"> <li>- O tipo de estudo?</li> <li>- Os fenómenos em estudo?</li> <li>- A população alvo do estudo?</li> </ul>	x x x	
P		<b>3. Índice</b> - O trabalho apresenta os índices que se justifica (geral, figuras, quadros e equações)? - O índices presentes são: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precisos?</li> <li>- Adequados?</li> <li>- Completos?</li> </ul>	x x x	x
P		<b>4. Resumo e Palavras-chave</b> - Está patente apenas a informação relevante do trabalho: o objectivo, a metodologia empregue, os resultados mais importantes e as principais conclusões? - Está redigido de uma forma sequencial e lógica? - As palavras-chave estão definidas? - As palavras-chave relacionam-se de forma directa com o conteúdo do trabalho?	x x x x	
	A	<b>5. Listas de Abreviaturas e Símbolos</b> - As listas estão completas, apresentando todos os elementos existentes e respectiva informação? - O ordenamento das listas está feito segundo ordem cronológica ou alfabética? - Existe um número adequado, não excessivo, de abreviaturas? - Evita-se, aparentemente, inventar novas abreviaturas?		
P		<b>6. Introdução</b> - É feita uma breve apresentação temática do estado actual do conhecimento? - Estabelece-se a relação do presente estudo com o estado actual do conhecimento (Justificação)? - Estão apresentados todos os elementos necessários para definir um fio condutor do trabalho (problema, objectivos, estrutura e intenções)? - A introdução está redigida de forma clara, deixando perceber a direcção do trabalho?	x	x x x
P		<b>7. Revisão Bibliográfica/ Enquadramento teórico</b> - Faz-se uma exposição exaustiva, actual, crítica e objectiva da literatura apresentada? - Está presente um enquadramento teórico que permita identificar a direcção do trabalho? - A argumentação discursiva é concisa e feita através de frases claras e sintéticas? - A informação é concisa não se excedendo os limites que possam perturbar a harmonia e equilíbrio do trabalho completo?	x x	x x
P		<b>Metodologia</b>		



### Anexo IV – Grelha de verificação aplicada ao caso “C”

Autor:		Ano:	Ref. Biblioteca:	
Tema:				
Método:				
Orientador:			Categoria:	
P	A		S	N
P		<b>1. Tema, Problema ou Pergunta de partida</b> - O problema é claro? - O problema é pertinente? - O problema é exequível? - O problema é conciso, circunscrito?	x x x	x
P		<b>2. Capa</b> - Estão presentes e bem colocados todos os elementos identificativos do trabalho? - É possível identificar claramente, através do título: <ul style="list-style-type: none"> <li>- O tipo de estudo?</li> <li>- Os fenómenos em estudo?</li> <li>- A população alvo do estudo?</li> </ul>	x	x x x
P		<b>3. Índice</b> - O trabalho apresenta os índices que se justifica (geral, figuras, quadros e equações)? - O índices presentes são: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precisos?</li> <li>- Adequados?</li> <li>- Completos?</li> </ul>	x x x	x
P		<b>4. Resumo e Palavras-chave</b> - Está patente apenas a informação relevante do trabalho: o objectivo, a metodologia empregue, os resultados mais importantes e as principais conclusões? - Está redigido de uma forma sequencial e lógica? - As palavras-chave estão definidas? - As palavras-chave relacionam-se de forma directa com o conteúdo do trabalho?	x x x	x
	A	<b>5. Listas de Abreviaturas e Símbolos</b> - As listas estão completas, apresentando todos os elementos existentes e respectiva informação? - O ordenamento das listas está feito segundo ordem cronológica ou alfabética? - Existe um número adequado, não excessivo, de abreviaturas? - Evita-se, aparentemente, inventar novas abreviaturas?		
P		<b>6. Introdução</b> - É feita uma breve apresentação temática do estado actual do conhecimento? - Estabelece-se a relação do presente estudo com o estado actual do conhecimento (Justificação)? - Estão apresentados todos os elementos necessários para definir um fio condutor do trabalho (problema, objectivos, estrutura e intenções)? - A introdução está redigida de forma clara, deixando perceber a direcção do trabalho?	x x x	x
P		<b>7. Revisão Bibliográfica/ Enquadramento teórico</b> - Faz-se uma exposição exaustiva, actual, crítica e objectiva da literatura apresentada? - Está presente um enquadramento teórico que permita identificar a direcção do trabalho? - A argumentação discursiva é concisa e feita através de frases claras e sintéticas? - A informação é concisa não se excedendo os limites que possam perturbar a harmonia e equilíbrio do trabalho completo?	x x x	x x
		<b>Metodologia</b>		



---

## ANEXO V(a)

### **Instruções de uso do *Compact Disc* de indexação das monografias em Futebol:**

- 1º - Abrir a pasta “EndNote” e, dentro desta, correr a aplicação “EndNote5”
- 2º - *Clicar* “File” → “Open” → “Open Library” → Seleccionar ficheiro “Indexação de monografias” e abrir;
- 3º - A lista das monografias indexadas deverá surgir devidamente organizada no ecrã. As instruções que se apresentam deverão ser seguidas caso essa organização não se verifique, sendo necessário re-formatar o seu campo. Para tal, *clique* “Edit” → “Preferences...”;
- 5º - Surgirá um quadro de edição de preferências, onde se destacará uma lista de secções modificáveis. Seleccione “Reference Types” e, de seguida, “Modify Reference Types...”;
- 6º - Neste momento, deverá deparar-se com uma tabela onde constam os diferentes tipos de referência possíveis (“Journal article”, “Book”, “Book section”, etc.). Percorra todas as referências até encontrar um espaço para criar uma nova: “Unused1”;
- 7º - Ao proceder da forma sugerida, irá encontrar uma tabela semelhante à que se apresenta a seguir (Tabela 1), onde os termos apresentados na coluna da esquerda são imutáveis e representam o tipo de informação a que cada célula corresponde (“Author”, “Year”, “Title”, etc.)
- 8º - Deverá, então, substituir o termo “Unused1” por “Monografia”, simplesmente seleccionando a respectiva célula, apagando o texto original e escrevendo o que se sugere.
- 9º - De seguida, deverá realizar a mesma operação em algumas das células da tabela, de forma preencher os espaços relevantes com tipo de informação indicada (Tabela 1). No fim, deverá obter um cruzamento de termos semelhante à que se apresenta na Tabela 1;
- 10º - Por fim, *clique* em “Ok”, seguido de “Apply” e, de novo, “Ok”;
- 11º - O procedimento que acabou de concretizar, permitira que cada referência esteja organizada de forma a suportar apenas as informações que se criaram durante a sua indexação. No entanto, para melhor organizar a lista onde constam todas as referências poderá alterar algumas definições que explicaremos de seguida;

Edit Reference Types...	
<b>Generic</b>	<b>Monografia</b>
<b>Author</b>	Autor
<b>Year</b>	Ano
<b>Title</b>	Título
<b>Secondary Author</b>	Subtítulo
<b>Secondary Title</b>	Orientador
<b>Place Published</b>	Situação actual
...	...
<b>Number</b>	Códigos: Categorias Temáticas
<b>Pages</b>	Páginas
...	
<b>Date</b>	Mês de entrega
<b>Type of Work</b>	Categoria Temática
<b>Subsidiary Author</b>	Metodologia Aplicada
...	
<b>Custom 1</b>	Códigos: Categorias metodológicas
...	...
<b>Accession Number</b>	Referência (Biblioteca)
...	...
<b>Keywords</b>	Palavras-chave
<b>Abstract</b>	Resumo
<b>Notes</b>	Notas/ Apontamentos
...	

**12º** - Neste momento, a lista deverá estar ordenada alfabeticamente por autor, sendo este o primeiro de cinco campos apresentados na janela inicial. Para modificar esses campos, volte ao quadro de edição de preferências (“Edit”, “Preferences...”), mas, neste caso, seleccione “Display fields”;

**13º** - Para alterar os campos procure em “Column” 1, 2, 3, 4 ou 5, os termos originais do programa, associados aos termos que alterou em “Modify Reference Types” (P.ex.: se lhe interessar ter acesso imediato à categoria temática de cada trabalho, consultando a Tabela 1, verificará que esta corresponde ao termo “Type of Work”, sendo este o que necessita de seleccionar para a coluna - “Column” - em questão);

**14º** - Nas colunas que se encontram do lado direito denominadas “Headings”, escreva o termo associado ao que figura na respectiva coluna (no exemplo dado, deverá escrever “Categoria temática” no espaço indicado).

**15º** - Para finalizar, *clique* em “Apply”, seguido de “Ok”.

---